

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

**Projecto de reabilitação da Universidade Lusófona
do Porto**

Recuperação de espaços exteriores

**Dissertação apresentada a provas públicas para a obtenção de grau Mestre em
Arquitetura, orientada por Prof. Doutor António Sérgio Koch De Araújo E Silva.**

Manuel Enrique Martins Cordova

Porto, 2023

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

Manuel Enrique Martins Cordova

**Projecto de reabilitação da Universidade Lusófona do
Porto**

Recuperação de espaços exteriores

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto no dia 31 /10/2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 378/2023, de 11 outubro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Arquitecto Pedro Cândido Almeida
D' Eça Ramalho;

Arguente: Profª Doutora Isabel Clara Neves da Rocha Marques;

Orientador: Prof. Doutor António Sérgio Koch De Araújo E Silva.

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

RESUMO

No projecto de recuperação proposto para a Universidade Lusófona do Porto, o pátio surge como o elemento mais relevante da organização espacial do edificado, e por conseguinte, esta dissertação pretende desenvolver uma análise deste tipo de espaços, para assim, pôr em prática os conhecimentos obtidos para a elaboração da proposta final do projecto.

A dissertação está dividida em três capítulos primordiais:

- O primeiro capítulo foca-se no enquadramento, a sua evolução e apresentam-se tipos de pátios, cujas características se relacionam com os espaços exteriores do edifício da ULP.

- No seguinte capítulo são abordados dois casos de estudo, nomeadamente o Centro Português de Fotografia (Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto), seguido do Museu Nacional Grão Vasco. A análise de ambas obras de reabilitação, executadas pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura, irão servir de apoio na execução do projecto de reabilitação, principalmente a análise dos pátios, que tomam em consideração a diversidade arquitetónica e a preservação do património histórico.

- Por fim, o quarto capítulo desta dissertação apresenta a análise do edifício da ULP, expondo a nova proposta de reabilitação, que visa restaurar as características originais dos pátios e melhorar a sua funcionalidade, através da prática de conhecimentos obtidos nos capítulos anteriores.

Palavras-Chaves:

Reabilitação, Pátio, Análise, Universidade.

ABSTRACT

In the restoration project proposed for the Universidade Lusófona do Porto, the patio appears as the most relevant element of the spatial organisation of the building, and therefore, this dissertation aims to develop an analysis of this type of spaces, in order to put into practice the knowledge obtained for the elaboration of the final project proposal.

The dissertation is divided into three main chapters:

- The first chapter focuses on the framework, its evolution and presents types of courtyards, whose characteristics relate to the outdoor spaces of the ULP building.
- The following chapter discusses two case studies, namely the Centro Portugues de Fotografia (Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto), followed by the Museu Nacional Grão Vasco. The analysis of both rehabilitation works, executed by the architect Eduardo Souto de Moura, will serve as support in the execution of the rehabilitation project, especially the analysis of the courtyards, which take into account the architectural diversity and the preservation of the historical heritage.
- Finally, the fourth chapter of this dissertation presents the analysis of the ULP building, exposing the new rehabilitation proposal, which aims to restore the original characteristics of the courtyards and improve their functionality, through the practice of knowledge obtained in previous chapters.

Keywords:

Rehabilitation, Courtyard, Analysis, University.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação representa o culminar duma das etapas mais importantes da minha vida. Esta, não se resume apenas as horas de trabalho académico, mas também à força de vontade e coragem que me fizeram deixar para trás o meu país, a minha família e os meus amigos em busca deste meu sonho.

Aos meus pais, que foram parte fundamental por me acompanhar em cada momento desta caminhada, pelo seu apoio e orientação para que eu pudesse realizar os meus sonhos, apesar da distância.

À Universidade Lusófona do Porto e aos seus professores por todo o conhecimento transmitido ao longo destes cinco anos. Aos meus colegas, que permaneceram todos os dias ao meu lado, para que juntos pudéssemos alcançar o mesmo objetivo.

A todos os espaços, bibliotecas e arquivos, como a Casa de Arquitetura, que tão prontamente me apoiaram, disponibilizando-me os materiais necessários para a realização desta dissertação.

Ao Porto, que me acolheu de braços abertos, colocando pessoas que me acompanharam nesses cinco anos, às quais devo todo o apoio que sempre me brindaram.

ÍNDICE

Capítulo I - INTRODUÇÃO	18 -
1.1 Tema e objeto de estudo	18 -
1.2 Objetivos	18 -
1.3 Estrutura.....	19 -
1.4 Metodologia	20 -
Capítulo II – ENQUADRAMENTO DO PÁTIO NA ARQUITETURA.....	24 -
2.1 Significado do pátio.....	24 -
2.2 Contexto histórico.....	26 -
2.2.1 Casa – Pátio	27 -
2.2.2 Claustro	28 -
2.2.3 Pátio coletivo	31 -
2.3 O pátio no século XX	33 -
2.3.1 Villa Savoye / Le Corbusier, 1931	34 -
2.3.2 Casa com três pátios / Mies Van der Rohe, 1934	36 -
2.3.3 Câmara Municipal de Säynätsalo / Alvar Aalto, 1949	38 -
2.3.4 Museu do Louvre / Peter Rice e Ian Ritchie Architects, 1992	40 -
Capítulo III – CASOS DE ESTUDO	44 -
3.1 Centro Português de Fotografia (Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto).....	45 -
3.1.1 Contexto histórico	45 -
3.1.2 Análise do edifício.....	46 -
3.1.3 Projecto de Reabilitação.....	47 -
3.1.4 Análise do pátio	48 -
3.1.5 Projecto original.....	53 -
3.1.6 Projecto de reabilitação	54 -
3.2 Museu Nacional Grão Vasco	56 -
	- 13 -

3.2.1 Contexto histórico	- 56 -
3.2.2 Análise do edifício.....	- 57 -
3.2.3 Projecto de reabilitação	- 58 -
3.2.4 Análise do pátio	- 59 -
3.2.5 Projecto original.....	- 62 -
3.2.6 Projecto de reabilitação.....	- 63 -
Capítulo IV – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO.....	- 68 -
4.1 Contexto histórico.....	- 70 -
4.2 Análise do edifício.....	- 72 -
4.3 Proposta de reabilitação.....	- 73 -
4.3.1 Pátio Principal	- 75 -
4.3.2 Segundo pátio	- 79 -
4.3.3 Projecto de reabilitação	- 83 -
Capítulo V – Considerações Finais.....	- 88 -
Referências bibliográficas.....	- 92 -
Siglas e Acrónimos	- 94 -
Índice de figuras.....	- 96 -

Capítulo I - INTRODUÇÃO

Capítulo I - INTRODUÇÃO

1.1 Tema e objeto de estudo

Na arquitetura, o pátio representa um espaço de encontro e convívio que permite luz e ventilação natural no interior do edifício em que se insere. Sobre este elemento arquitetónico existem inúmeros registos e estudos referentes à sua origem e evolução, destacando o pátio ao longo da história como um elemento persistente de carácter universal.

No edifício da atual Universidade Lusófona do Porto, os pátios existentes funcionam como elemento organizador do espaço, pela centralidade que protagonizam. Neste sentido, aborda-se a partir da investigação de referências pertinentes no tema, elementos como o design, materialidade e funcionalidade, para através da estratégia para a composição dos espaços construídos, pôr em prática na nova proposta de reabilitação.

1.2 Objetivos

Com esta dissertação pretende-se, numa primeira instância, desenvolver uma análise sobre o pátio, abordando quais são as problemáticas associadas a este arquétipo de espaço e a respetiva apropriação por parte dos usuários. Por outro lado, pretende-se apresentar soluções que garantam uma otimização do conforto na reabilitação proposta para a Universidade Lusófona do Porto.

Nesse sentido, proceder-se-á a uma reflexão teórica acerca da temática do pátio e da otimização das soluções que integram o mesmo, através da

aplicação prática do projecto de reabilitação da ULP, refletindo acerca dos pátios presentes no edifício.

1.2 Estrutura

A presente dissertação desenvolve-se em cinco capítulos.

O primeiro capítulo – **introdução** – estabelece o contexto de estudo que irá ser desenvolvida na dissertação, oferecendo ao leitor uma compreensão do propósito da pesquisa realizada.

O segundo capítulo - **enquadramento do pátio na arquitetura** - apresenta em primeira instância o significado do pátio, que deste modo, irá garantir a compreensão do tema a ser abordado pelo leitor. Apresentam-se, também, através dum contexto histórico até final do século XX, alguns tipos de pátios que reúnem critérios pertinentes para serem analisados, devido às características e condições dos atuais pátios da ULP.

O terceiro capítulo – **casos de estudo** – aborda duas edificações que foram referência para a proposta de reabilitação no próximo capítulo, sendo o primeiro o Centro Português de Fotografia, seguido pelo Museu Nacional Grão Vasco. Abordam-se, assim, ambas construções através de análises com um mesmo foco, os pátios existentes nos edifícios e as soluções abordadas pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura em ambos casos.

O quarto capítulo – **Universidade Lusófona do Porto** – expõe num primeiro momento, por meio da mesma lógica do capítulo anterior, um contexto histórico e uma análise geral do edifício da ULP. Por fim, a nova proposta de reabilitação realizada na disciplina de Projecto será apresentada, tendo como foco os pátios do edifício e os elementos que

foram alterados, com o intuito de garantir uma otimização do espaço por parte dos usuários.

Por último, no quinto capítulo são apresentadas as **considerações finais** do desenvolvimento do trabalho.

1.4 Metodologia

Realizou-se uma pesquisa respaldada por diversas fontes, leituras e materiais de apoio. Inicialmente, a pesquisa baseou-se em livros que forneceram um contexto sobre o pátio, o que foi fundamental para selecionar os tipos de pátios mais adequados para o desenvolvimento da dissertação.

Em seguida, foram selecionados os casos de estudo que responderiam adequadamente às necessidades da proposta de reabilitação da ULP. Uma vez estabelecidos esses casos, foram realizadas visitas a ambas as obras, a fim de obter um maior conhecimento para a elaboração das análises. Recorreu-se ao escritório do próprio arquiteto, a fim de se obterem informações adicionais relevantes para esta dissertação.

Capítulo II – ENQUADRAMENTO DO PÁTIO NA ARQUITETURA

Capítulo II – ENQUADRAMENTO DO PÁTIO NA ARQUITETURA

“Arquétipo sistemático e versátil, capaz de abarcar uma grande diversidade de usos, formas, dimensões e características”

Antón Capitel

2.1 Significado do pátio

O elemento arquitetónico do pátio representa, na construção, uma área de vivências, encontro e convívio de forma natural. De acordo com a definição do Dicionário Porto Editora, o pátio consiste num “recinto descoberto, no interior de um edifício”¹. Há ainda a necessidade de acrescentar que se trata de um espaço exterior na privacidade e segurança dos limites do edificado de um ou mais edifícios.

Bahamón (2009) destaca o pátio como “um espaço constituído (...) por uma serie de superfícies verticais que o delimitam e que normalmente o encerram”². O pátio, não está relacionado necessariamente a nenhum significado funcional, mas é a sua relação com os espaços construídos que o envolvem que lhe asseguram importância. Por sua vez, no Dicionário Visual de Arquitetura, o pátio é definido como “espaço normalmente fechado por paredes ou galerias, que geralmente é descoberto”³.

O pátio na arquitetura representa um espaço fundamental em muitas construções, no entanto, é evidenciado nas diversas definições

¹ Dicionário Porto editora.

² Bahamón, A. & Alvarez, A. Casas Patio: casas por tipologia, Ed. Parramón Arquitectura y Diseño, Barcelona 2009, p.4. Tradução de Filipa Morgado.

³ Dicionário visual de arquitetura, p. 453. Quimera editora.

supramencionadas que, no momento da sua criação, são sempre utilizados os mesmos critérios. Este caracteriza-se, assim, como uma área delimitada no interior do edificado, onde predominam formas retangulares e quadradas, mas, podendo ser construído com formas muito variadas, basta que existam elementos que delimitem o espaço. Compreende-se, portanto, o pátio como um espaço exterior que se adapta na relação intrínseca com o ser humano.

Por outro lado, a presença deste espaço num edifício evidencia o seu lado mais significativo, uma vez que se destina a fortalecer e estimular as vivências entre os seus utilizadores. Para confirmar a importância deste elemento, Capitel (2005) refere que “tal pátio concentra a atenção do edifício, tornando-o o seu elemento principal na medida em que se configura como o protagonista (...) da sua aparência visual, da relação do interior com o exterior e com o ar livre (...)”⁴.

4 Capitel, A. (2005) – La arquitectura del patio. Barcelona: Gustavo Gili, p. 9. Tradução de Manuel Cordova.

2.2 Contexto histórico

A origem do pátio na arquitetura é incerta e dificilmente pode ser classificada num período específico. De acordo com o Dicionário Visual de Arquitetura, o pátio é referido como “elemento arquitetónico fundamental que aparece em todos os tempos e lugares”⁵.

Por seu turno, alguns autores defendem a existência do pátio nos períodos Neolítico e Pompeia durante o século IV a.C. Em oposição, muitos referem os primeiros registos de habitações com pátios na Índia e na China no ano 3000 a.C, havendo, ainda, alguns que apontam para registos sobre origem do pátio nas casas da Mesopotâmia. Contudo, é no período do Renascimento que o pátio atinge o seu máximo protagonismo.

Para desenvolver um estudo claro acerca do contexto histórico do pátio, foi analisada a presença deste elemento nos diversos períodos da história da arquitetura. Por conseguinte, foram seleccionados alguns tipos de pátio de grande importância no contexto do desenvolvimento desta dissertação, os quais serão objeto de uma exposição mais detalhada na secção seguinte.

⁵ Dicionário visual de arquitetura, p. 453. Quimera editora.

2.2.1 Casa – Pátio

A arquitetura com casa - pátio tem vindo a ser construída ao longo dos séculos, em diversas zonas, estando intrinsecamente relacionada a climas e regiões específicas. A presença deste elemento na arquitetura permite que os habitantes usufruíssem das suas vantagens, conseguindo, assim, responder às necessidades do quotidiano.

Durante as civilizações grega e romana, as casas-pátio ganham maior destaque nas construções, uma vez que este é definido como elemento organizador do espaço, destinado à ventilação e iluminação do interior do edifício. A dimensão da casa e o tamanho do pátio variavam segundo a riqueza da família, mas a criação deste espaço surgia sempre com o mesmo objetivo.

Independentemente da área, as construções contavam com apenas um vão nas paredes exteriores designados à porta, garantindo, assim, um espaço de segurança e defesa do exterior para os seus habitantes. De acordo com Capitel (2005), “la casa de este tipo era en gran medida una casa defensiva y el patio un mundo propio, no sólo en el sentido habitacional, sino también en el de la seguridad y el aislamiento”⁶.

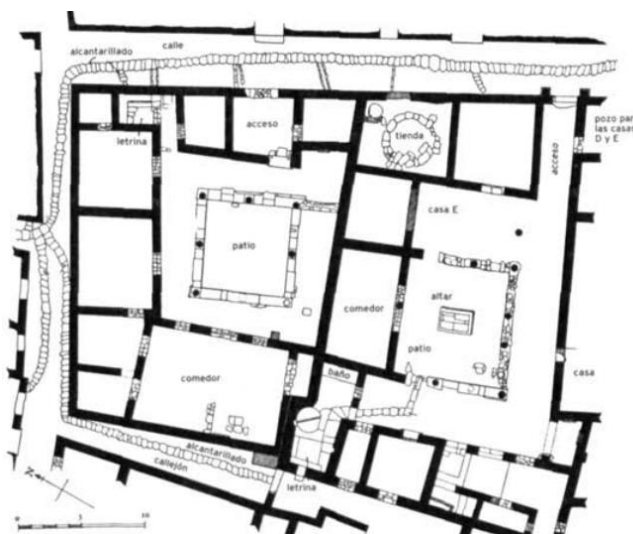


Figura 1 Duas casas pátio na cidade de Delos, Grécia. Fonte: La arquitectura del patio. Antón Capitel.

⁶ Capitel, A. (2005) – La arquitectura del patio. Barcelona: Gustavo Gili.

2.2.2 Claustro

Associado às catedrais, e principalmente aos mosteiros, nasce, na Idade Média, o “Claustro”, que aparece no seguimento da *Domus*. Neste tipo de edifícios, a composição dos espaços é mais rígida, comum pela simetria e grande escala que o caracterizam, acompanhado duma galeria abobadada em torno do pátio. O claustro é, frequentemente, ajardinado com uma fonte ou algum outro elemento central, procurando não apenas conforto e segurança, mas também associado à religião, transmitindo uma paz espiritual.

“Durante os períodos do românico e gótico, o claustro catedral ou conventual, representava com grande destaque, um espaço de grande tamanho e presença”⁷ (Capitel, 2005).

Apresenta-se, a título de exemplo na figura 2, o claustro localizado no edifício da Catedral de Santa Maria de Coimbra construído no século XIII, caracterizado pelo estilo gótico, visíveis simetrias e a presença de um elemento central. Este espaço representa uma excelente referência do típico claustro catedral.

Por sua vez, próximo da área do projecto de reabilitação da ULP, é pertinente referir o edifício da atual Biblioteca Municipal do Porto. O espaço apresenta, uma vez mais, as características típicas do claustro, apesar de este ter sido construído no século XVIII. Na figura 4 é evidenciada a presença de simetria, elemento central e área ajardinada no claustro de esta construção.

⁷ Capitel, A. (2005) – La arquitectura del patio. Barcelona: Gustavo Gili.



Figura 2 Claustro da Catedral de Santa Maria de Coimbra.

Fonte: [https://www.iberian-escapes.com/visit-coimbra-es.html#gallery\[pageGallery\]/4/](https://www.iberian-escapes.com/visit-coimbra-es.html#gallery[pageGallery]/4/).

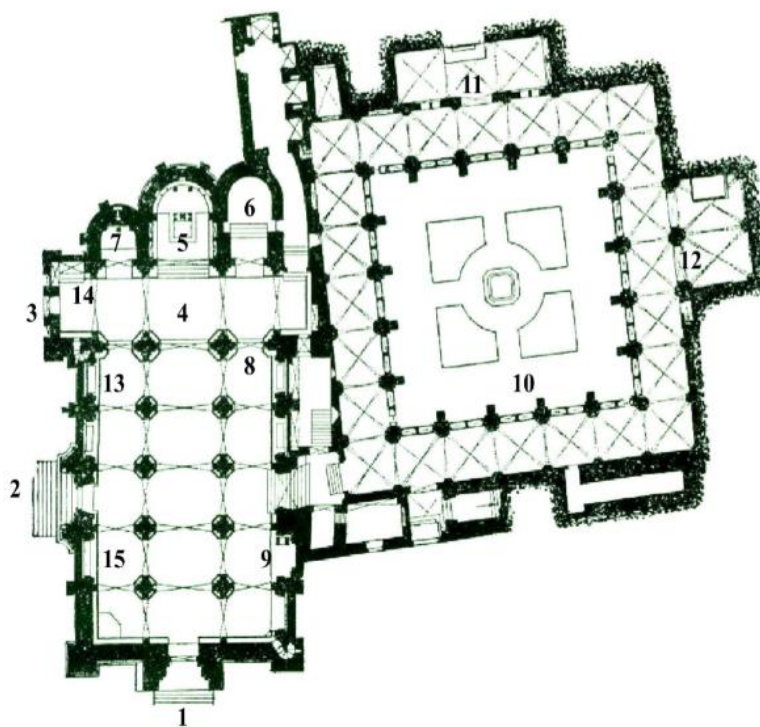


Figura 3 Planta da Catedral de Santa Maria de Coimbra.

Fonte: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/14535120/se-velhacdr>.



Figura 4 Claustro da Biblioteca Municipal do Porto.

Fonte: <https://www.jpn.up.pt/2021/06/28/uma-biblioteca-municipal-do-porto-menos-austera-e-mais-sala-de-estar/>

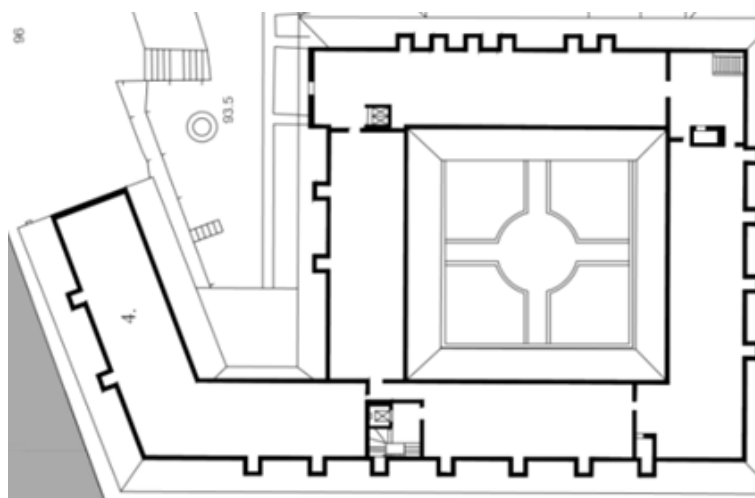


Figura 5 Planta da Biblioteca Municipal do Porto

2.2.3 Pátio coletivo

Durante o período Neoclássico, a meados dos séculos XVIII e XIX, surge da união do pátio e do claustro, o pátio coletivo. A evolução para este novo espaço estava associada a edifícios institucionais e públicos de grande escala, destinados à sociedade. Com a criação do pátio coletivo, partia-se do princípio que este espaço coletivo deveria obedecer ao uso do edifício, assumindo destaque no programa para criar um espaço público nobre. Este tipo de espaços, era geralmente comum em hospitais, escolas, museus ou bibliotecas.

Gomes (2017), refere que “a par da grande proliferação de novos edifícios públicos, muitos arquitetos encontraram no pátio uma das soluções que melhor respondia às necessidades de espacialidade”⁸, comprovando a utilização sistemática nas construções desta época.



Figura 6 Pátio coletivo do Hospital Santo António, Porto.

Fonte: <https://portocanal.sapo.pt/noticia/331164>

⁸ Gomes, S. (2017) – O espaço pátio no edifício escolar, Evolução e reinvenção. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, FAUP.

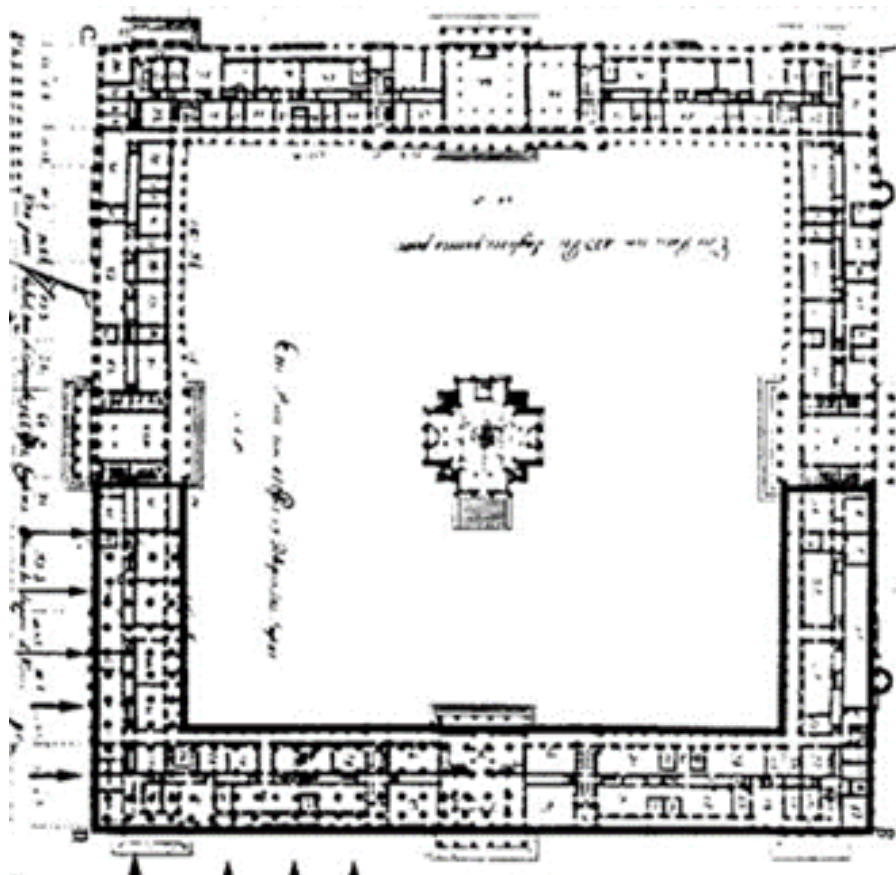


Figura 7 Planta do projecto original do Hospital Santo António, Porto.

2.3 O pátio no século XX

A arquitetura do movimento moderno do século XX privilegia clareza e formas simples, resultantes de uma função implícita e justificada. No entanto, a otimização do pátio na arquitetura deste século é representada em edifícios de múltiplas tipologias por diversos mestres da arquitetura moderna, assistindo-se, assim, a uma evolução do pátio, como consequência das condições políticas e sociais que condicionaram a nova forma de pensar neste período. Esta abordagem reafirma a importância da habitação, do ser humano e a forma de como este interage com o espaço.

Através da execução duma análise das construções do século XX, segundo os critérios estipulados, serão apresentados alguns exemplos significativos para caracterizar a evolução do pátio neste período.

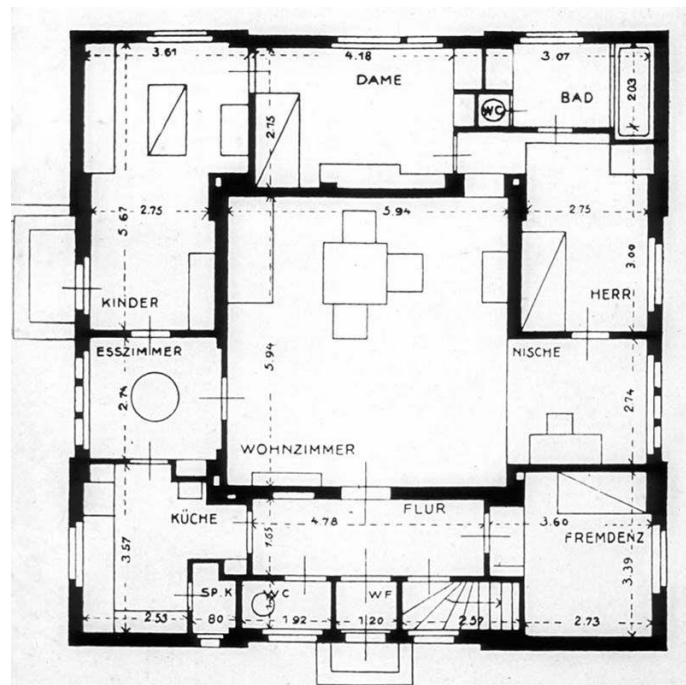


Figura 8 Planta casa Am Horn, Weimar 1923-26.

Fonte: <https://socks-studio.com/2016/05/31/a-prototypal-house-at-the-bauhaus-the-haus-am-horn-by-georg-muche-1923/>.

2.3.1 Villa Savoye / Le Corbusier, 1931

Projectada no final dos anos vinte, a Villa Savoye de Le Corbusier, corresponde a uma nova etapa para o pátio, depois da viagem do arquiteto à América do Sul, onde terá refletido acerca do “equipamento da civilização maquinista”⁹. Através da sua obra, Le Corbusier explorou uma nova espacialidade e procura dum novo modo de vida, evidenciado pela intenção de harmonizar a arquitetura e a natureza nesta obra, claramente colocando a paisagem como condição do projecto.

O volume da casa é elevado do solo sobre pilotis, “uma caixa de ar, perfurada a toda a volta, sem interrupções, por uma janela horizontal, cujo desenho completa-se através de jogos arquiteturais de cheios e vazios”¹⁰. Desta forma, a reinvenção do pátio o transporta do solo para a parte superior do edifício, tornando-o aberto ao exterior através das janelas horizontais referidas, como se fosse mais um espaço coberto no interior da casa.



Figura 9 Pátio elevado na Villa Savoye.

Fonte: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/villa-savoye/>

⁹ Le Corbusier, (L'équipement de la civilisation machiniste.) Précisions: sur un État Présent de l'Architecture et de l'Urbanisme (Paris: Éditions Vicent, Fréal).

¹⁰ Le Corbusier, “La maison est une boîte en l'air, percée tout le tour, sans interruption, d'une fenêtre en longueur. Plus d'hésitation pour faire des jeux architecturaux de pleins et de vides.” Précisions, 136.

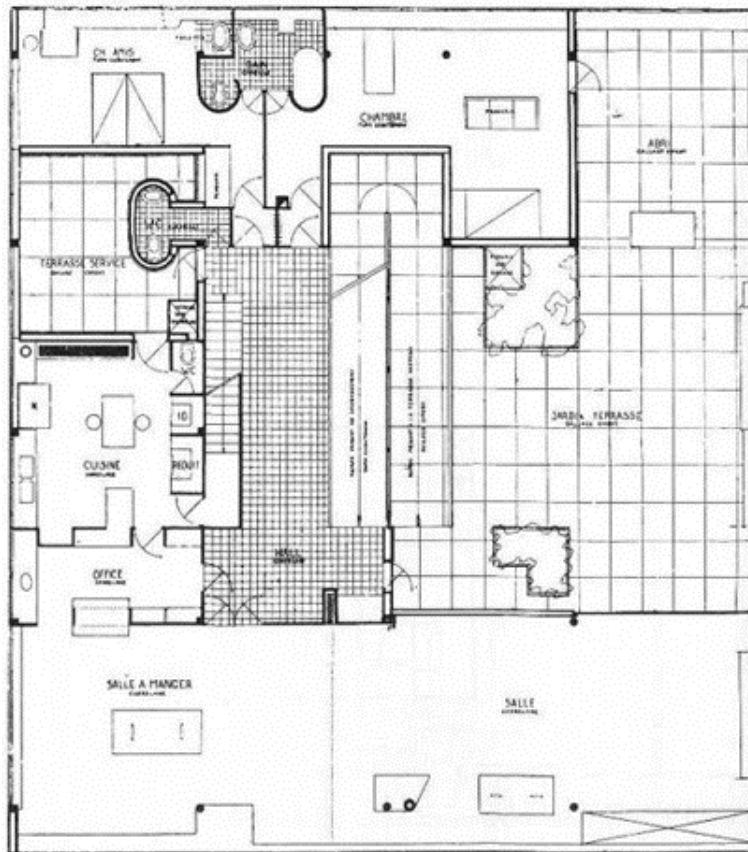


Figura 10 Planta Villa Savoye, Paris. Le Corbusier.

Fonte: <https://www.cosasdearquitectos.com/2014/01/villa-savoye-1929-le-corbusier-una-vivienda-que-revoluciona-la-arquitectura/>



Figura 11 Pátio elevado na Villa Savoye desde o interior.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/936384/acesse-os-interiores-de-casas-projetadas-por-gaudi-wright-niemeyer-e-le-corbusier>.

2.3.2 Casa com três pátios / Mies Van der Rohe, 1934

Durante os anos trinta do século XX, Mies Van der Rohe começa a projectar de modo individualizado, distinguindo-se do conjunto de arquitetos da sua época que desenvolveram em simultâneo, projectos para a mesma cidade e tipologias de baixo custo. Segundo Iñaki Ábalos (2005), a ideia de individualizar um sistema é uma questão evidente, se trata duma experiência teórica mais do que um projecto, “não há famílias nestas casas, a família como programa foi rejeitada”¹¹.

A construção é desenvolvida por uma planta em forma de “T” no terreno, gerando três pátios de diferentes escalas e, permitindo, assim, um espaço ordenado, fluido e de forma clara que proporciona liberdade. Ibidem refere que “(...) é simples determinar a privacidade de cada ponto e o seu uso previsível” ¹², desta forma o arquiteto mostra a visão do que devia ser a arquitetura nesta época.

Os muros contruídos à volta do lote, permitiriam uma distinção do interior e exterior, procurando isolar o individuo através da privacidade conseguida pelos mesmos. Pere Joan Ravetllat (1997), realizou uma análise da tipologia da casa e encontrou um paralelismo com as casas romanas, onde o interior é definido através da relação que estabeleciam com o atrium.

¹¹ Ábalos, I. (2000) La buena vida: visita guiada a las casas de la modernidad. Barcelona: Gustavo Gili. p. 22.

¹² Ibidem. p. 25

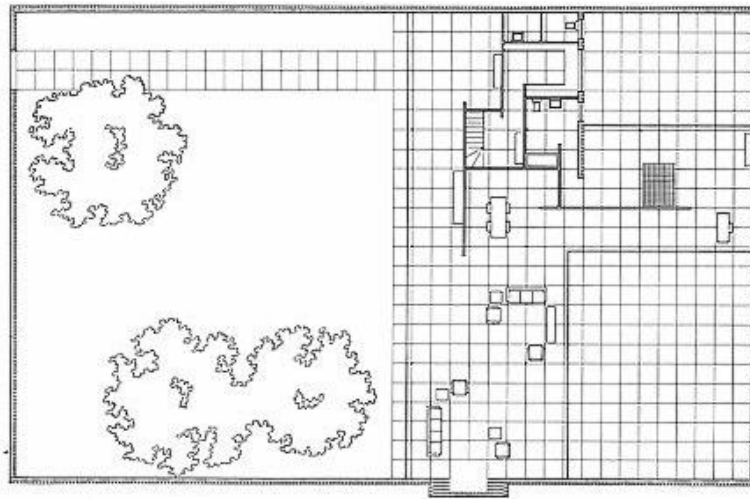


Figura 12 Planta casa com três pátios, Mies Van der Rohe.

Fonte: <https://prolongacionesurbanas.tumblr.com/post/619776853786361857/patio-house-mies-van-der-rohe>



Figura 13 Reconstrução Casa com três pátios.



Figura 14 Reconstrução Casa com três pátios.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/72575867/Re-construction-Casa-tres-patios-Mies-Van-der-Rohe/modules/488811295>

2.3.3 Câmara Municipal de Säynätsalo / Alvar Aalto, 1949

A meados do século XX, Aalto executa um estudo em oposição de elementos através do concurso para a Câmara Municipal de Säynätsalo, com o intuito de criar um espaço para a comunidade. Nomeado pelo arquiteto de Curia, o projecto é resolvido por dois volumes, um lineal e um outro em forma de “U”, que em conjunto, interagem com um pátio central. Por sua vez, o pátio, acaba por funcionar como espaço organizador e como praça publica em benefício da cidade.

Em consequência do desnível natural do terreno, o arquiteto procede à elevação do pátio, possibilitando, assim, uma presença doméstica, íntima e de privacidade desde este ponto, contrariando a percepção monumental obtida ao nível da rua. O acesso principal do edifício é realizado por um conjunto de duas escadas de diferentes estilos que vinculam o espaço interior e exterior, localizadas na separação dos volumes. A escada principal é formal e revestida em granito, atingindo uma entrada solene ao conjunto. Por outro lado, o arquiteto prioriza a natureza circundante e as vistas para o rio ao executar umas escadas orgânicas com terra e tábuas de madeira.



Figura 15 Pátio central da Câmara Municipal de Säynätsalo.

Fonte: <http://www.luz10.com/saynatsalo/>.

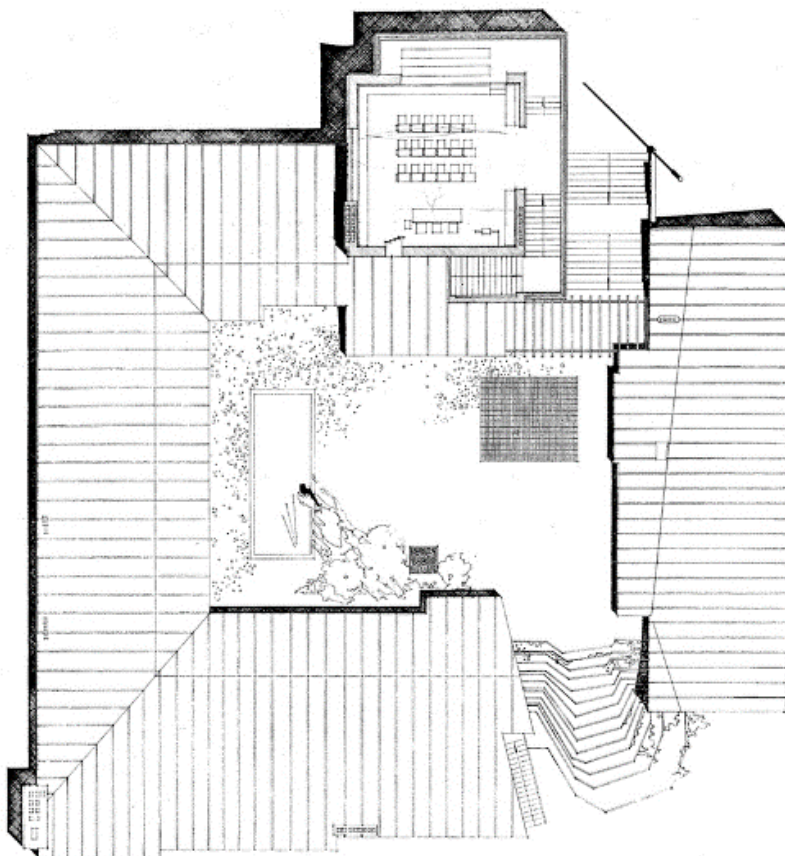


Figura 16 Planta da Câmara Municipal de Säynätsalo, Alvar Aalto.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/877675/classicos-da-arquitetura-camara-municipal-de-saynatsalo-alvar-aalto/56de40fce58ece683d00009f-ad-classics-saynatsalo>.



Figura 17 Escadas orgânicas da Câmara Municipal de Säynätsalo.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/918602/guia-de-arquitetura-20-obras-de-alvar-aalto>.

2.3.4 Museu do Louvre / Peter Rice e Ian Ritchie Architects, 1992

No ano de 1793, o Museu do Louvre foi inaugurado nas instalações duma antiga edificação do século XII, que desde a sua construção, sofreu diversas alterações. Na ala Richelieu do museu, encontra-se o pátio Puget, um espaço projectado pelo arquiteto Hector-Martin Lefuel durante a conclusão do museu sob o segundo Império, que fazia parte da lateral do palácio de Napoleão III. Este pátio desempenha um papel estético significativo dentro do museu, agregando valor à construção.

No ano de 1871, o Ministério das Finanças, após ter perdido as suas instalações devido aos incêndios municipais, mudou-se no pátio Puget. Para resolver esta problemática, o pátio foi dotado de uma cobertura sustentada por colunas de ferro, atribuída aos balcões da Caixa Central do Tesouro Público.

Posteriormente em 1992, é concluída a renovação do pátio, recebendo uma nova cobertura projectada pelo engenheiro Peter Rice e por Ian Ritchie Architects. Desta maneira, a nova cobertura foi concebida com o propósito de abrigar esculturas francesas, datadas do século XVII ao século XIX, iluminadas com luz natural através dos tetos de vidro.

As dimensões dos elementos estruturais foram uma consideração importante no projecto da cobertura, a fim de reduzir o peso visual e minimizar as sombras profundas no nível do piso. Os arcos, amarrados com laços radiais, desempenham um papel fundamental na contenção da curvatura de cada elemento do arco, proporcionando o principal meio de suporte para os telhados abobadados. Esses telhados apresentam extremidades em quadril e são sustentados por uma treliça de colunas.



Figura 18 Corte do Museu Louvre, Paris.

Fonte: <https://www.architectmagazine.com/aia-architect/aiafeature/the-ancien-regimes-fatal>.



Figura 19 Pátio Puget, Museu Louvre.

Fonte: <https://www.viajoteca.com/museu-do-louvre/>.

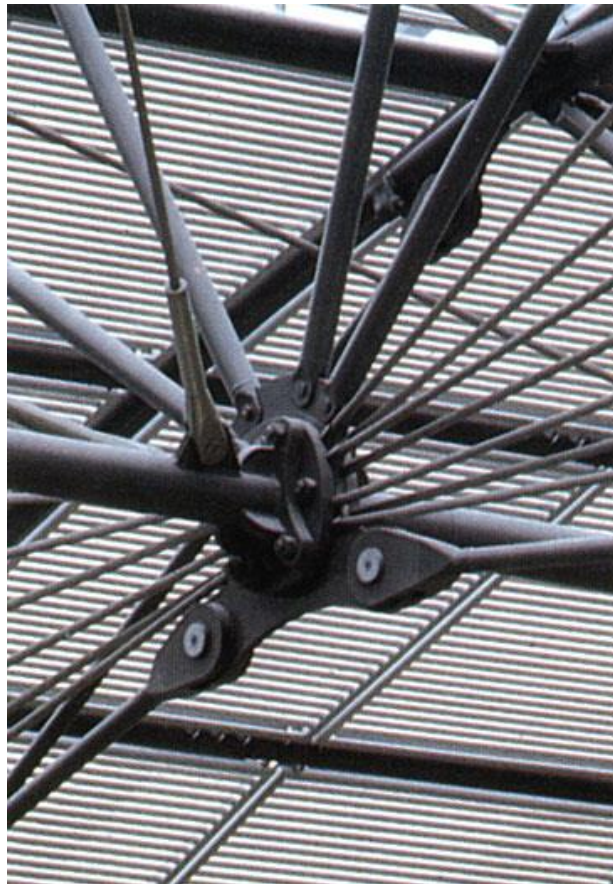


Figura 20 Detalhe da cobertura no pátio Puget.

Fonte: https://www.ritchie.studio/projects/louvre_court/.

Capítulo III – CASOS DE ESTUDO

Na presente dissertação serão analisados dois casos de estudo que possuem em comum o mesmo elemento arquitetónico analisado no capítulo anterior, o pátio. Essa análise será utilizada para a proposta de reabilitação da Universidade Lusófona do Porto, que leva em consideração a diversidade arquitetónica e a preservação do património histórico.

O primeiro caso de estudo é o edifício da Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto, onde atualmente funciona o Centro Português de Fotografia. Esta construção, além de ser contemporânea com o edifício da Universidade Lusófona do Porto, utiliza o mesmo material construtivo, a pedra. Deste modo, pretende-se desenvolver uma análise do edifício do CPF, para assim, responder de maneira eficaz às intervenções executadas no projecto de reabilitação, principalmente no pátio coberto.

O segundo caso de estudo, corresponde ao antigo Paço dos Bispos de Viseu, atual Museu Nacional Grão Vasco. Durante a última reabilitação ocorrida, o edifício sofreu diversas alterações no pátio claustal, que, ao analisar o projecto de reabilitação do museu, as soluções aplicadas pelo arquiteto, adequar-se-iam para o segundo pátio proposto para o edifício da ULP.

Ambos casos de estudo apresentam diferentes soluções executadas, que em conjunto, respondem às necessidades evidenciadas na proposta de reabilitação para a ULP. Analisando ditas soluções, garantir-se-á uma otimização dos pátios através da aplicação prática, com o objetivo de compreender a configuração deste elemento, as apropriações dos usuários no espaço e as respetivas vivências.

3.1 Centro Português de Fotografia (Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto)

3.1.1 Contexto histórico

Por ordem de João de Almada e Melo foi executada, em 1766, a construção do primeiro grande edifício civil, a Cadeia e Tribunal da Relação do Porto, segundo a planta projectada por Eugénio dos Santos Carvalho antes do seu falecimento, em 1760. Já em 1796, a obra foi concluída e a cadeia esteve em funcionamento até 1974, tendo as instalações sido transferidas, alguns dias depois da Revolução, para a Cadeia de Custódias por razões de segurança.

Em 1961, o edifício passou a abrigar a Cadeia Civil do Porto, que estava distribuída em quatro pavimentos. Estes continham oficinas de alfaiataria, sapataria, serralharia, carpintaria e tipografia, que se destacavam em termos económicos e profissionais.

O conceito de prisão penitenciária do século XIX entrou em conflito com a antiga prisão setecentista, que apresentava soluções construtivas e infraestruturas deficientes. Devido à incapacidade do Estado em fazer obras, o edifício foi-se deteriorando ao longo do tempo.

Todas as adaptações realizadas, inclusive aquelas ocorridas no século XX, após a saída do Tribunal em 1937, foram feitas em condições precárias e com orçamentos mínimos, sempre com a transferência para um novo estabelecimento prisional em mente. Por conseguinte, a velha cadeia permaneceu em atividade por cerca de duzentos anos, como um exemplar único da arquitetura dos finais do Antigo Regime.

Em janeiro de 1994, a proposta da DR do Porto para a reclassificação do edifício como Monumento Nacional foi apresentada. Em 1997, o CPF instalou-se, e em 2001, o processo de instalação do Centro foi concluído.



Figura 21 Cadeia Civil do Porto, 1961.

Fonte: Arquivo Municipal do Porto.

3.1.2 Análise do edifício

Referente ao edifício, a descrição coetânea à construção do Padre Rebelo da Costa, que apesar dos poucos registos existentes da época, ajuda a caracterizar o projecto original. “A Relação é um edifício notável, formado em triângulo, e de uma elevação prodigiosa... Todo este edifício é faixado com pedra de esquadria e as paredes têm nove palmos de largo, principalmente as dos quartos das enxovias. Todo ele é repartido em três andares e aberto por cento e três janelas, altas e largas (...)”¹³.

Cada uma das fachadas do edifício é simétrica, com portas de grandes dimensões nas fachadas principais. Os panos de parede que não são de granito aparente são áreas menores, de cor ocre que aligeira o aspeto austero. Todas as janelas são semelhantes entre si, possuem cerca de 1,5 metros de largura, variando em altura. Nas divisões da prisão, as janelas são gradeadas, enquanto nas restantes áreas são janelas de guilhotina, compostas por duas ou três folhas, com pequenos vidros quadrangulares.

¹³ Santos, M. & Coelho, M. (1993). O Palácio da Relação e Cadeia do Porto. Edições ASA.

As coberturas constituíram um dos graves problemas para a conservação do edifício desde os primeiros anos, devido à implantação. Além disso, toda a área das coberturas é circundada por uma platibanda, no interior da qual corriam estreitas caleiras em pedra com pequenas saídas para o exterior, o que provocava apodrecimento da madeira.

3.1.3 Projecto de Reabilitação

A partir de 1987, o edifício passou por um conjunto de intervenções com o objetivo de conter o seu estado de degradação. Foi adjudicado, em 1989, o projecto de recuperação e remodelação ao Arquiteto Humberto Vieira¹⁴ e ao Gabinete de Organização e Projetos, Lda. No ano 2000, foi iniciada uma última intervenção para adequação às novas funcionalidades, tendo o projecto sido desenvolvido pelos Arquitetos Eduardo Souto de Moura¹⁵ e Humberto Vieira. Ambos arquitetos têm contribuído significativamente para a arquitetura em Portugal, sendo, por isso, reconhecidos pela sua abordagem inovadora e sensível ao contexto histórico e cultural.

O edifício histórico que atualmente abriga o Centro Português de Fotografia é um dos principais atrativos do museu, possuidor de características arquitetónicas únicas que revelam a história da construção e da cidade do Porto. O projecto de reabilitação foi um processo complexo que procurou manter a estrutura original do edifício, conseguindo responder ao programa com o máximo de elementos e objetos removíveis. Por sua vez, criou espaços modernos e funcionais para abrigar o museu, gerando um conjunto coerente e sóbrio que conseguisse ser adaptável no futuro com espaços de diversas funções.

¹⁴ Humberto Vieira é reconhecido por sua abordagem contemporânea, porém respeitosa do património arquitetónico, tendo participado de diversos projectos de reabilitação e restauração de edifícios históricos em Portugal.

¹⁵ Eduardo Souto de Moura é um arquiteto premiado com o Prémio Pritzker de 2011, um dos prémios mais prestigiosos da arquitetura. Seus projectos são conhecidos pela sua simplicidade, elegância e uso inteligente do espaço.

3.1.4 Análise do pátio

O pátio principal do edifício, de aproximadamente oitenta metros quadrados, foi originalmente concebido para iluminação e ventilação da área prisional. Por conseguinte, tornou-se numa parte vital do cotidiano da instituição em 1862, quando, com esse objetivo, o enorme tanque ali existente que recebia as águas destinadas à limpeza das latrinas, foi desativado. Nesse sentido, o Dr. Camilo Aureliano propôs que fosse autorizado o rebaixe do pátio até ao nível do pavimento, conseguindo, desta maneira, um amplo espaço com grandes vantagens, convertendo as janelas das celas em portas de acesso.

No mesmo espaço, foi construída nos anos de funcionamento da cadeia, a "capela dos presos", uma estrutura de madeira apoiada na parede, onde a missa era celebrada de forma que os presos pudessem ouvir pelas janelas que davam para o pátio. Esta pequena estrutura, ao contrário da cobertura, foi reabilitada conforme a original e mantida igual, como história do edifício.



Figura 22 Pátio principal antes da demolição das escadas em 1991, presença do tanque desativado e a capela dos presos.

Fonte: O Palácio da Relação e Cadeia do Porto. Edições ASA.

O piso térreo do pátio sofreu diversas alterações ao longo da história, algumas com maior relevância que outras, mas todas de grande importância para esta análise. No entanto, e apesar das alterações decorridas, o pavimento desta área sempre se manteve em pedra. Do mesmo modo, é assinalada a construção, em 1860, duma escada que daria acesso direto às enxovias desde o primeiro piso, mas que em 1991 foi demolida.

Margarida Santos refere este espaço como “O sanguão B, o mais importante de todos pelas suas dimensões e pela sua colocação estratégica no centro do espaço prisional”¹⁶. Dito espaço, encontrava-se coberto em 1974 com chapas acrílicas, diminuindo em grande parte a luz para o interior do edifício.

Como resultado na reabilitação executada para abrigar o museu, os arquitetos optaram por manter o espaço coberto, para garantir um melhor funcionamento do edifício, aproveitando-o como um espaço tipológico de distribuição. As chapas acrílicas foram substituídas por uma cobertura de vidro estrutural, reforçado por uma estrutura de cabos de aço, construída a vinte metros do piso térreo.

A nova cobertura visível através da figura 24, permite ventilação natural no pátio através do espaço de separação entre o pré-existente em pedra e a estrutura, por não ser completamente fechada. Com objetivo de garantir a sensação de exterior, uma melhor iluminação natural e abrigar os visitantes, os arquitetos resolveram com esta solução a problemática das intempéries. Por sua vez, o espaço não precisa tratamento de ar.

¹⁶ Santos, M. & Coelho, M. (1993). O Palácio da Relação e Cadeia do Porto. Edições ASA.

No contexto da imagem do pátio, é evidente, uma vez mais, a estratégia levada a cabo pelos arquitetos em responder da melhor forma à problemática, sem alterar as características originais do edifício. Através duma comparação dos registos existentes antes e depois da reabilitação executada até 2001, é possível referir a cobertura como a maior modificação no aspeto visual deste espaço.

O pátio existente no atual Centro Português de Fotografia, tem uma relação muito próxima ao proposto no projecto de reabilitação da Universidade Lusófona do Porto. Em termos de área, volumetria e materiais, ambos seguem os mesmos critérios necessários para responder a um programa diferente ao original do edifício, mas respeitando a história do existente.



Figura 23 Cobertura do Centro Português de Fotografia.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

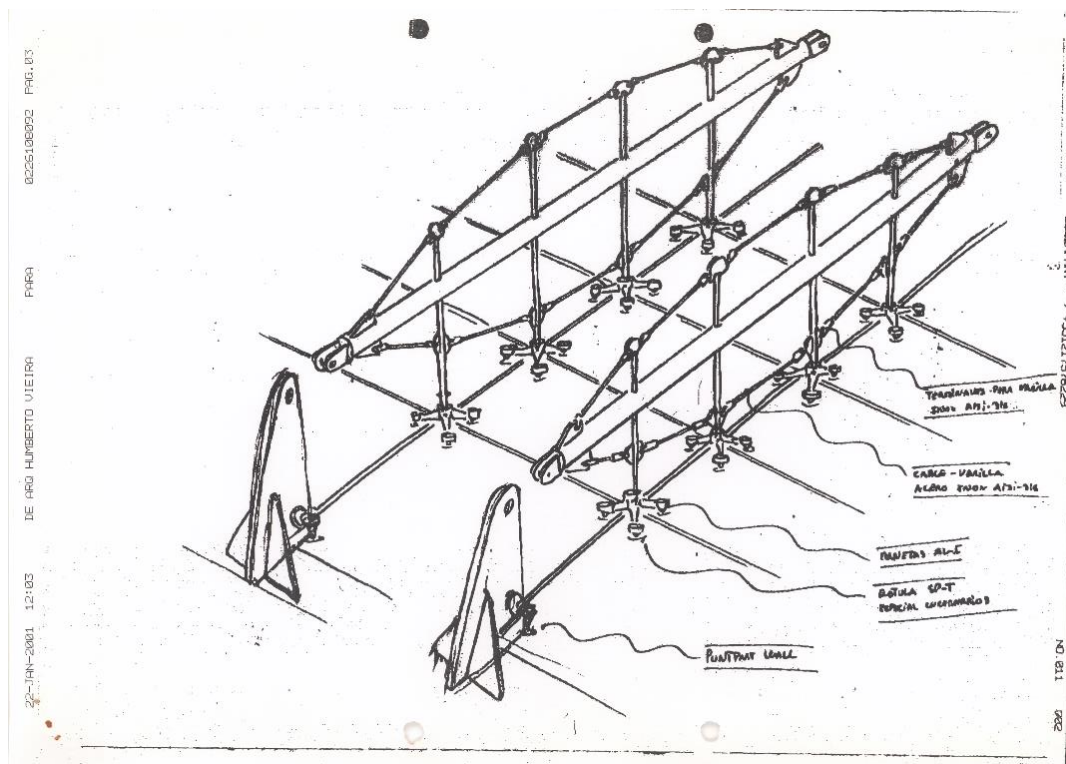


Figura 24 Detalhe estrutural da cobertura.

Fonte: Arquivo Casa da Arquitetura.

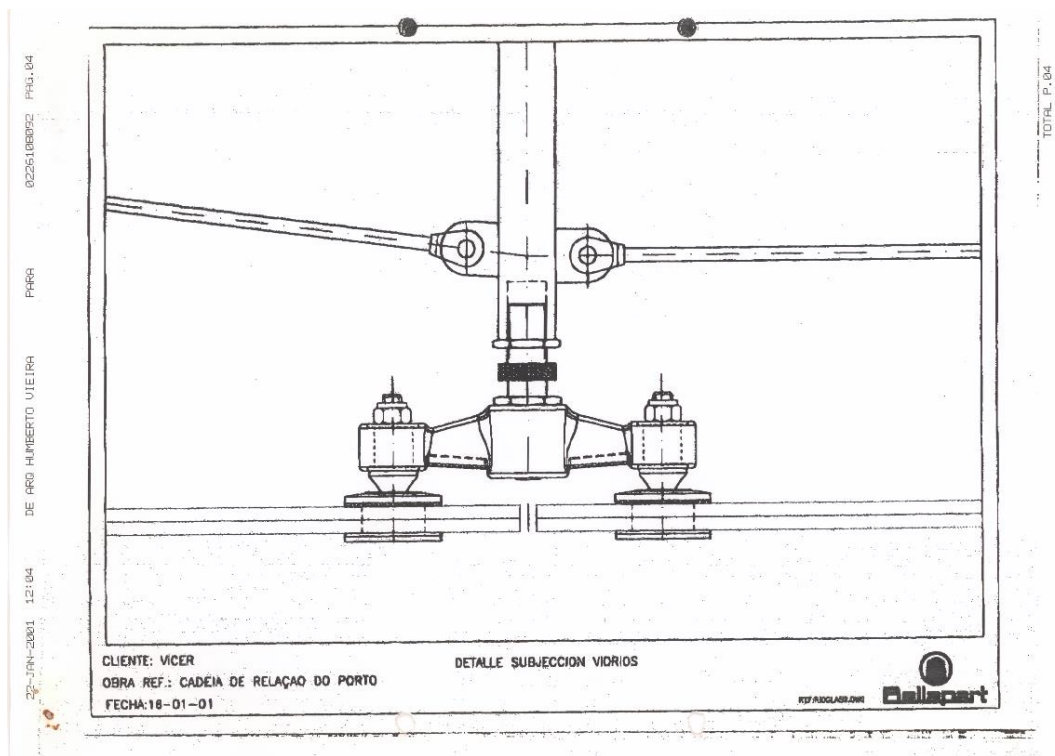


Figura 25 Detalhe estrutural da cobertura.

Fonte: Arquivo Casa da Arquitetura.



Figura 26 Pátio sem cobertura.

Fonte: O Palácio da Relação e Cadeia do Porto. Edições ASA.



Figura 27 Pátio com cobertura em vidro e aço.

Fonte: Aatoria Manuel Cordova.

3.1.5 Projecto original

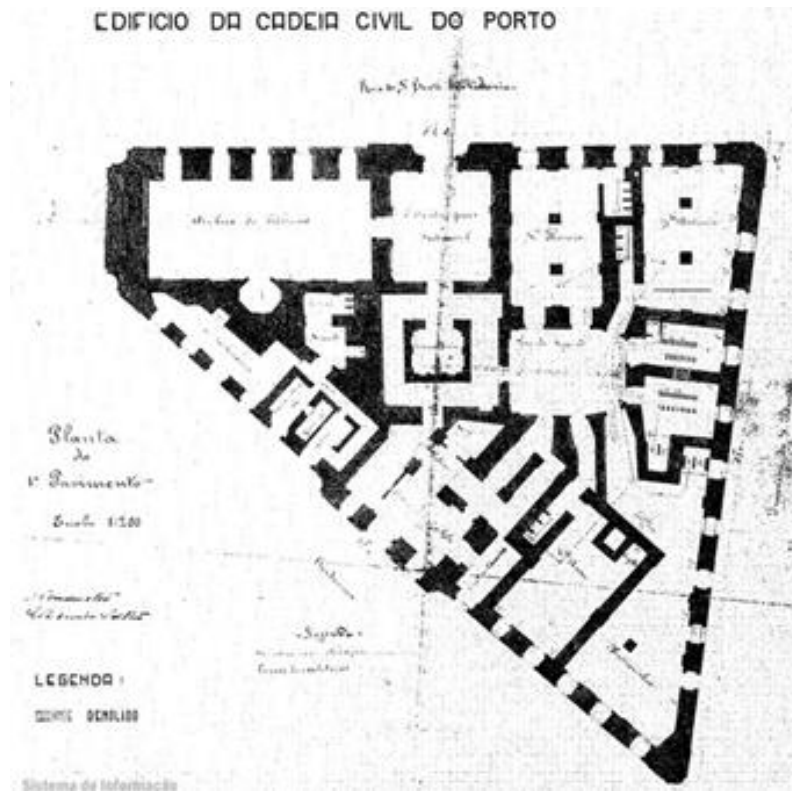


Figura 28 Cadeia e Tribunal da Relação do Porto. Planta do 1º pavimento.

Fonte: Monumentos.pt IPA.00005460.

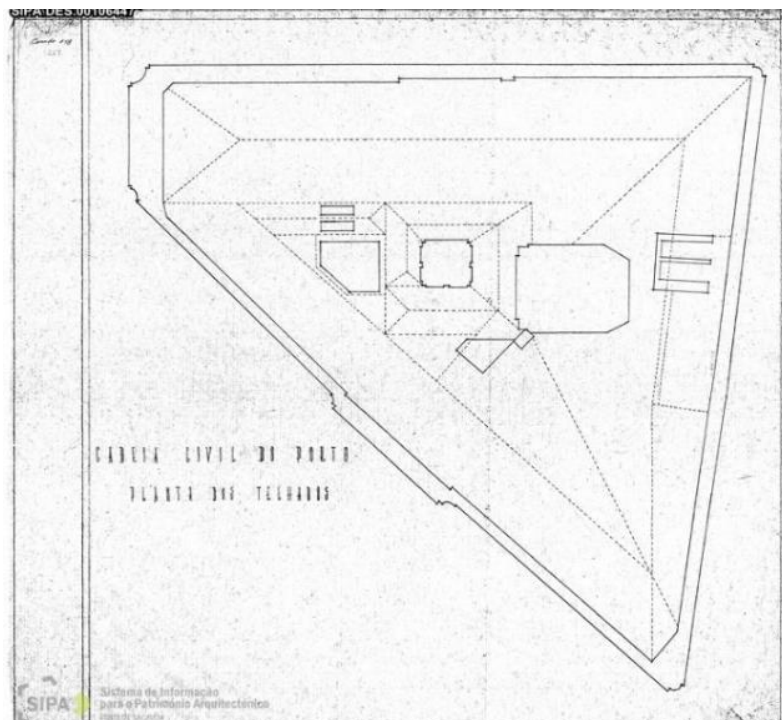


Figura 29 Cadeia e Tribunal da Relação do Porto. Planta da cobertura.

Fonte: Monumentos.pt IPA.000054.

3.1.6 Projecto de reabilitação

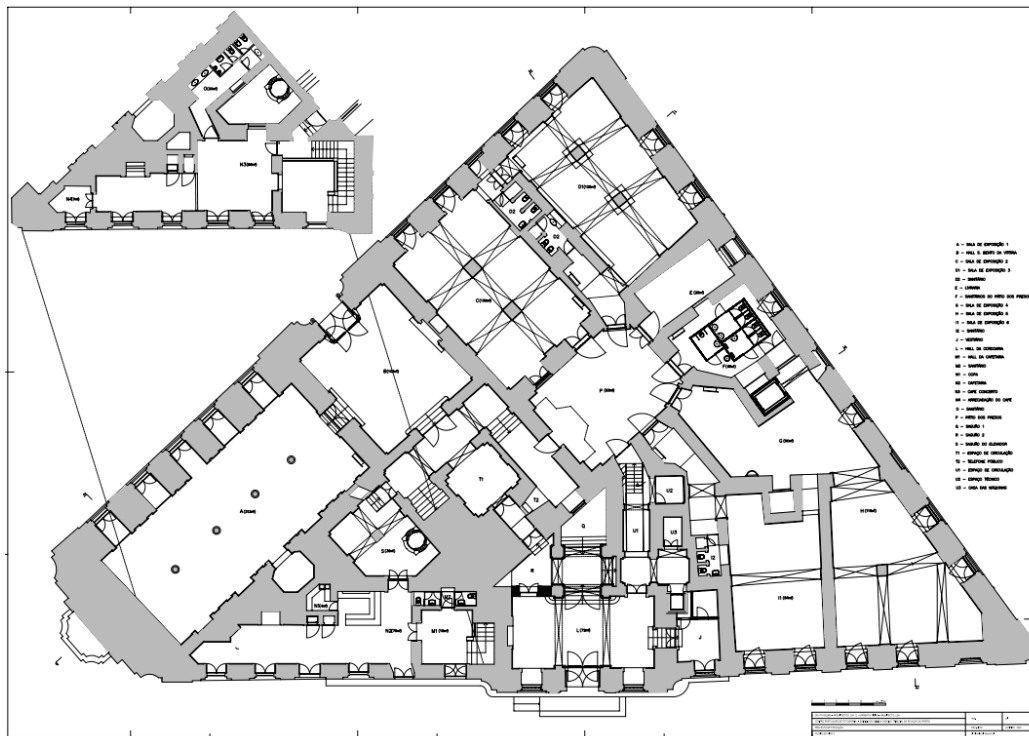


Figura 30 Centro Português de Fotografia. Planta do piso 1.

Fonte: Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

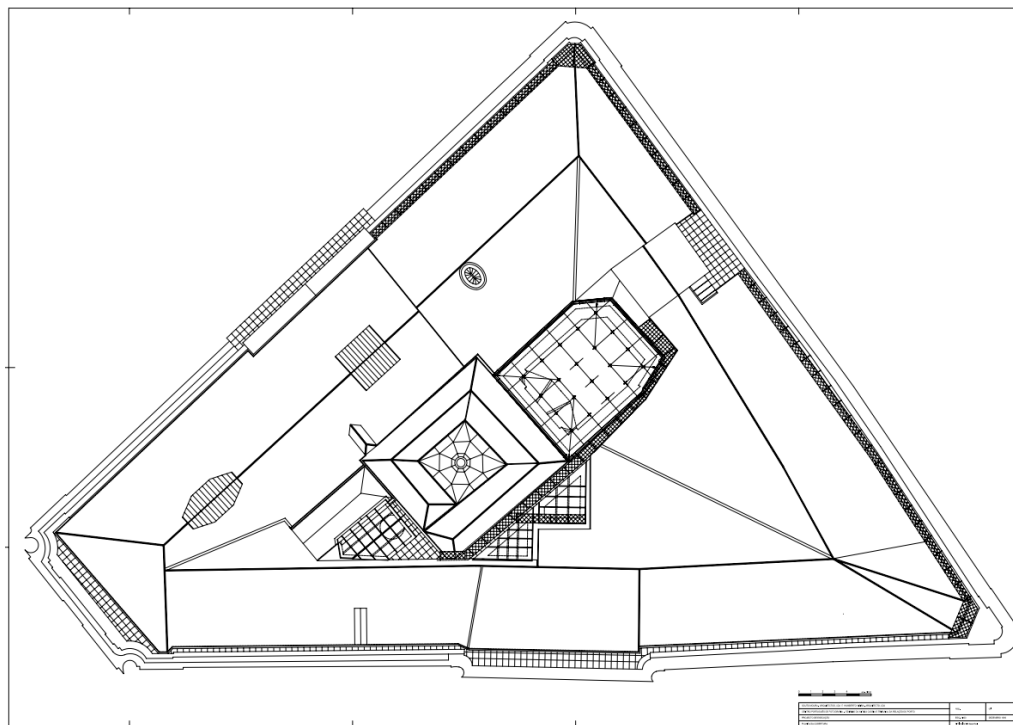


Figura 31 Centro Português de Fotografia. Planta da cobertura.

Fonte: Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

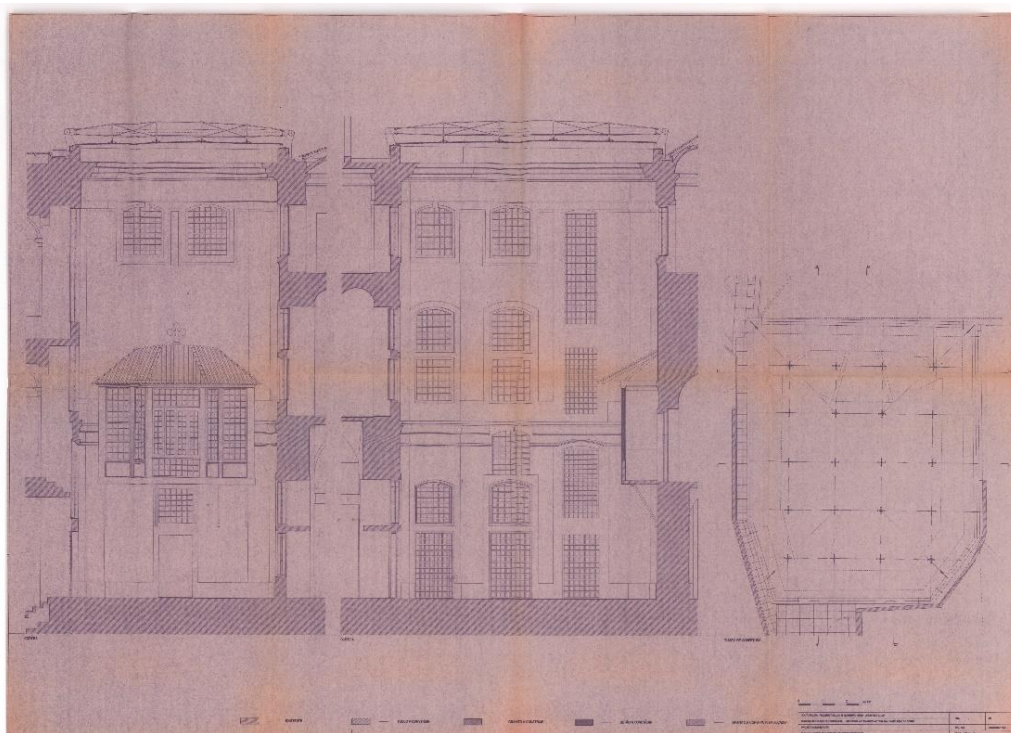


Figura 32 Corte e planta do pátio dos presos.

Fonte: Arquivo Casa da Arquitetura.

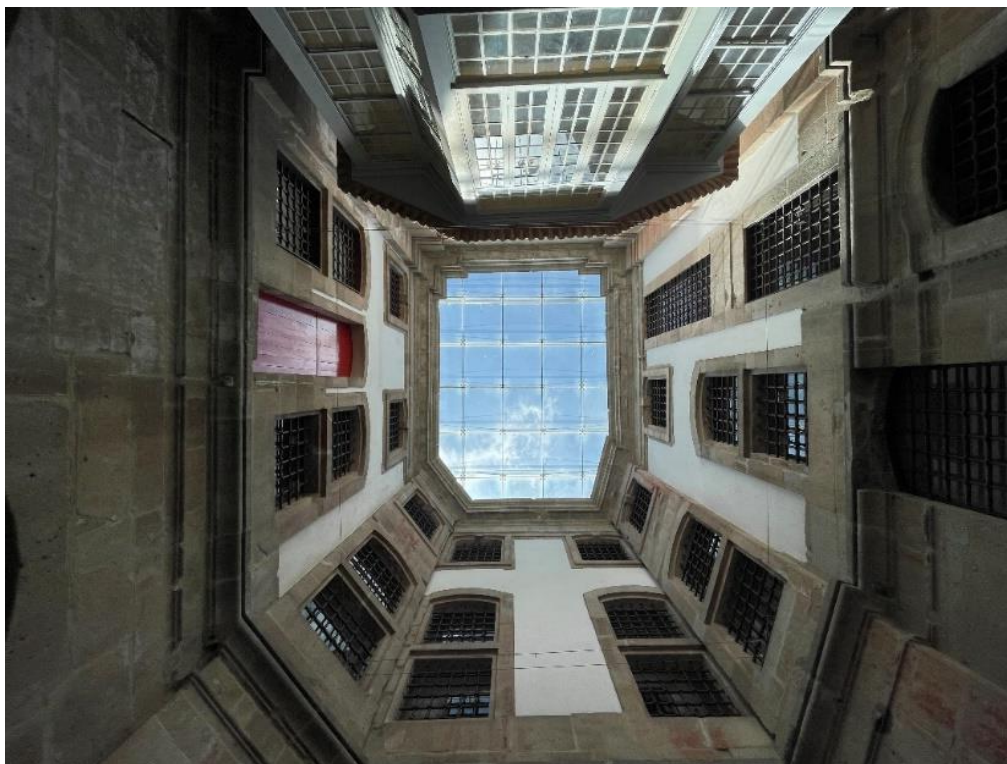


Figura 33 Pátio principal na atualidade (2023).

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

3.2 Museu Nacional Grão Vasco

3.2.1 Contexto histórico

No ano de 1563, foi promulgado o decreto do Concílio de Trento, estabelecendo uma obrigação para todas as Catedrais de sustentar e educar um determinado número de jovens num colégio adjacente às Sés.

Em 1593, teve início a construção do atual edifício do Museu Nacional Grão Vasco, conforme indicado numa lápide colocada sobre a porta da fachada posterior, cujo registo responsabiliza a “D. Nuno de Noronha/Bispo de Viseu fez este/Seminário”¹⁷, que em 1954 é transferido para a Diocese da Guarda.

Durante o período de 1630 a 1639, as obras no interior do edifício ainda não estavam concluídas. Em 1635, ocorreu um desmoronamento na Torre dos Sinos, localizada na Sé, resultando em danos na fachada do Seminário, que fazia fronteira com a Catedral.

Em 1710, varandas, colunas, telhados e paredes foram afetados. Durante as Invasões Francesas, em 1810, o edifício foi utilizado para fins militares, como quartéis e hospitais, deixando-o em tal estado de degradação que os Bispos não retornaram a ocupá-lo.

Em 1913, um decreto governamental estabeleceu um Museu Regional de Arte no local, com o objetivo de preservar peças do século XVI. No entanto, em 1916, o Museu Grão Vasco foi estabelecido em algumas dependências do edifício, até ser inaugurado em 1918.

No ano de 1922, foram iniciadas as obras de recuperação, e em 1924 ocorreu a ocupação de todo o edifício pelo Museu Grão Vasco. Por fim, no ano 2000, um projecto de remodelação coordenado pelo arquiteto Eduardo Souto Moura teve início.

17 Correia, Alberto (2000) – Revista semestral de edifícios e monumentos N 13. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

3.2.2 Análise do edifício

O nome do arquiteto responsável pelo desenho original do edifício é desconhecido. No entanto, é plausível acreditar, conforme mencionado por Alexandre Alves, “o autor do risco tenha sido chamado de Espanha e que a seu conselho o bispo conviesse no levantamento de uma obra sem precedentes à escala local”¹⁸. O edifício ergue-se ao lado da face norte da Catedral, estendendo-se além da linha da fachada desta, delimitando assim a extensão do Adro pelo lado norte.

A planta deste Paço-Seminário, localizado num terreno inclinado, é aparentemente complexa e organiza-se em torno de dois espaços interiores vazios e descobertos, visíveis através da figura 32. O primeiro corresponde a um pátio amplo que se estreita devido à elevação das paredes ao seu redor. A partir desse pátio, desdobram-se as galerias envolventes, pontuadas por janelas que permitem a entrada de luz e ar.



Figura 34 Vista aérea do Museu Nacional Grão Vasco junto à Sé.

Fonte: Monumentos.pt.

¹⁸ ALVES, Alexandre (1989) – O seminário Conciliar de Viseu. Das origens à atualidade. Beira Alta, vol. XLVIII, n 1 e 2, p. 184.

O segundo espaço interior aberto é o Claustro, denominado erroneamente, que está definido ao sul pelo muro da Sé, integrando a escadaria construída por D. Gonçalo Pinheiro. A partir dessa escadaria, surge a pequena fachada orientada para o nascente do Seminário, que se dobra e se estende, cobrindo toda a planta. É nesse muro voltado para o norte que se delimita a unidade absoluta entre o próprio museu e o corpo sólido que é a Catedral.

Referente à evolução das obras executadas no edifício, não existem registos, mas a falta de unidade visivelmente até a última reabilitação no denominado “claustro”, denota as várias intervenções de épocas diferentes ocorridas na obra.

3.2.3 Projecto de reabilitação

Entre os anos 1993- 2001, o arquiteto Eduardo Souto de Moura projectou a nova reabilitação para o Museu Nacional Grão Vasco, que por estar integrado na cidade e ser facilmente visível desde qualquer angulo, manteve a sua identidade exterior, retificando apenas alguns elementos.

O próprio arquiteto refere que “o redesenho da caixilharia (...), permitirá melhorar as condições térmicas. A atual caixilharia de madeira, além do seu mau estado de funcionamento, é contranatura na sua modulação. Para que o efeito de "buraco" dos vãos não venha afetar a escala maciça do edifício, propomos a inclusão de portadas metálicas pelo interior”¹⁹.

Referente ao interior do edifício, não existe ar condicionado, exceto no auditório. Deste modo, o arquiteto optou por uma ventilação no vão do cubículo e aquecimento através de pavimento radiante, de maneira que se controle a temperatura e a humidade, assumindo, assim, as variações térmicas como parte do edifício.

19 MOURA, Eduardo (2004) – Guia de Arquitectura, Espaços e Edifícios Reabilitados, 3ª Edição. Traço Alternativo – Arquitectos Associados, 2019.

3.2.4 Análise do pátio

Para esta dissertação será apenas analisado o pátio do “claustro” do atual Museu Nacional Grão Vasco, uma vez que representa o objeto de estudo para a execução do próximo capítulo referente à proposta de reabilitação da ULP.

O arquiteto Souto de Moura consultou o Arquivo Histórico, a fim de comprovar que a restauração executada no edifício no ano de 1940 incluiu a adição de janelas à fachada, bem como a revelação de que o claustro era, de facto, uma estrutura falsa e inconsistente, apresentando variadas ordens de colunas em cada pavimento, entre outros elementos completamente alheios ao projecto original.



Figura 35 Obras no “Claustro” do Museu Nacional Grão Vasco, 1951.

Fonte: Monumentos.pt IPA.00003800.

Por consequência, o arquiteto refere numa carta de abril de 1998, a intenção de realizar alterações no último piso do claustro, pois, o tipo de elementos que aí foram colocados encontram-se desajustados em relação ao “ambiente”. Relativamente às janelas, estas foram tapadas com alvenaria de tijolo, a fim de aumentar a superfície expositiva, mantendo-se as molduras de pedra no exterior.

As alterações exteriores, consistiram em substituir o pavimento de betão das galerias do claustro por lajeado de pedra, assim como as colunas da galeria do último andar. Souto de Moura explica o motivo das alterações, referindo não haver “uma intenção expressa de querer "alterar" a todo o custo (bem pelo contrário), não poderemos, no entanto, aceitar que uma viga de betão, por exemplo, seja revestida com três tábuas de pinho, simulando uma arquitrave num espaço onde os capitéis sofrem de excesso de “pulsamento visual””²⁰.

Uma das soluções para controlar a temperatura e a humidade foi a aplicação de *roofmate* na cobertura, sob uma estrutura metálica e depois coberto por cobre castanho, garantindo um melhor isolamento térmico. Por conseguinte, a cobertura em laje de betão e revestida em telha pintada, apresentada na figura 37, viria a ser demolida na reabilitação executada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura.



Figura 36 Demolição da cobertura do Museu Nacional Grão Vasco.

Fonte: Arquivo Casa da arquitetura.

20 MOURA, Eduardo _ Revista semestral de edifícios e monumentos N 13. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.2000.

Ao considerar a análise realizada, são evidentes as soluções executadas pelo arquiteto e a vontade de ajustar a imagem do claustro, procedendo a redesenhar as galerias, para assim, obter concordância nos diferentes tipos de elementos que aí se encontram.

Deste modo, este espaço foi objeto de estudo, porque responde aos mesmos critérios estipulados na proposta de reabilitação da ULP, por consequência da mistura de elementos que se encontram na atualidade.



Figura 37 “Claustro” no Museu Nacional Grão Vasco antes da reabilitação.

Fonte: Arquivo Casa da Arquitetura.



Figura 38 “Claustro” do Museu Nacional Grão Vasco (2023).

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

3.2.5 Projecto original

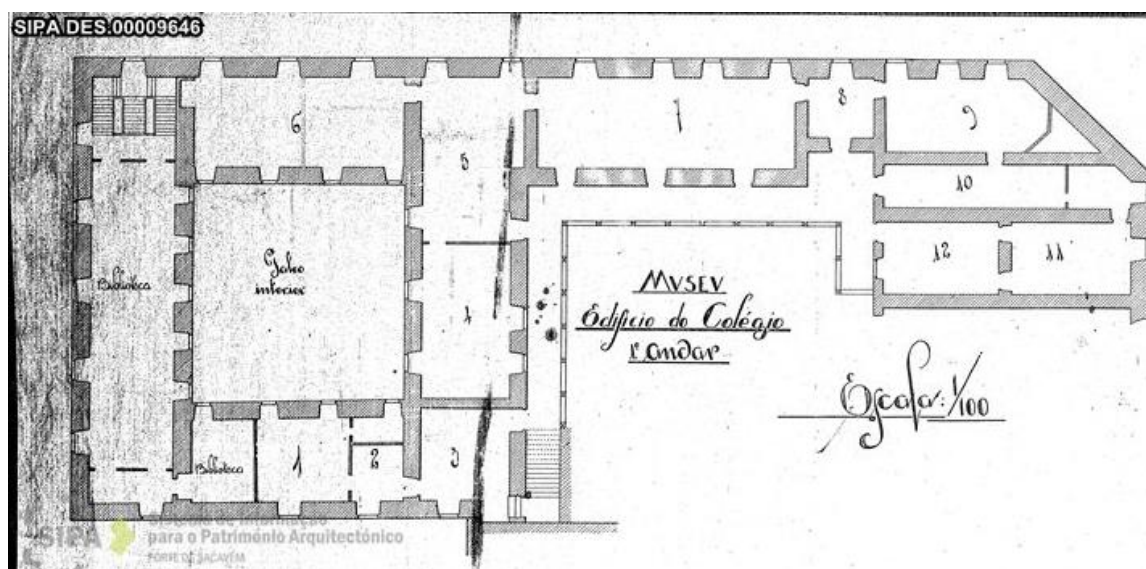


Figura 39 Planta Paço dos Bispos de Viseu.

Fonte: Monumentos.pt IPA.00003800.

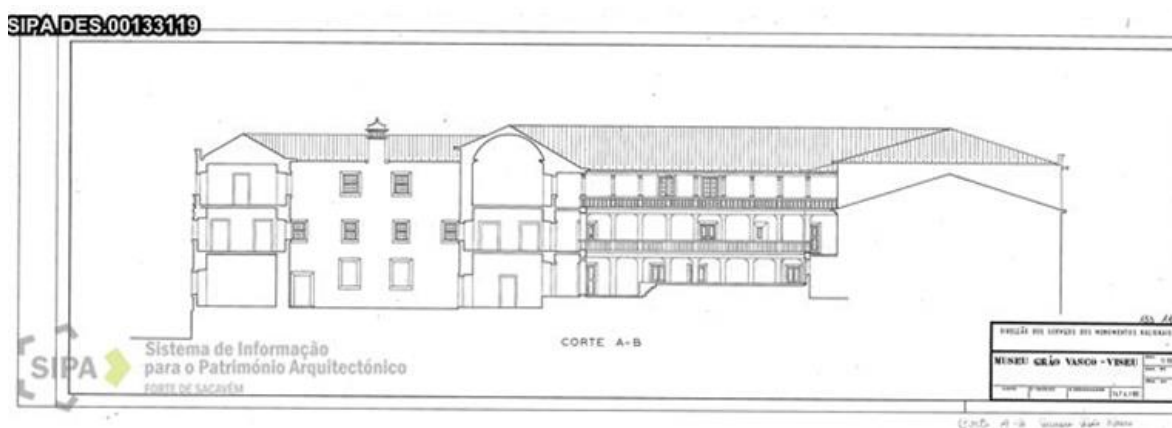


Figura 40 Corte longitudinal do Paço dos Bispos de Viseu.

Fonte: Monumentos.pt IPA. 00003800.

3.2.6 Projecto de reabilitação

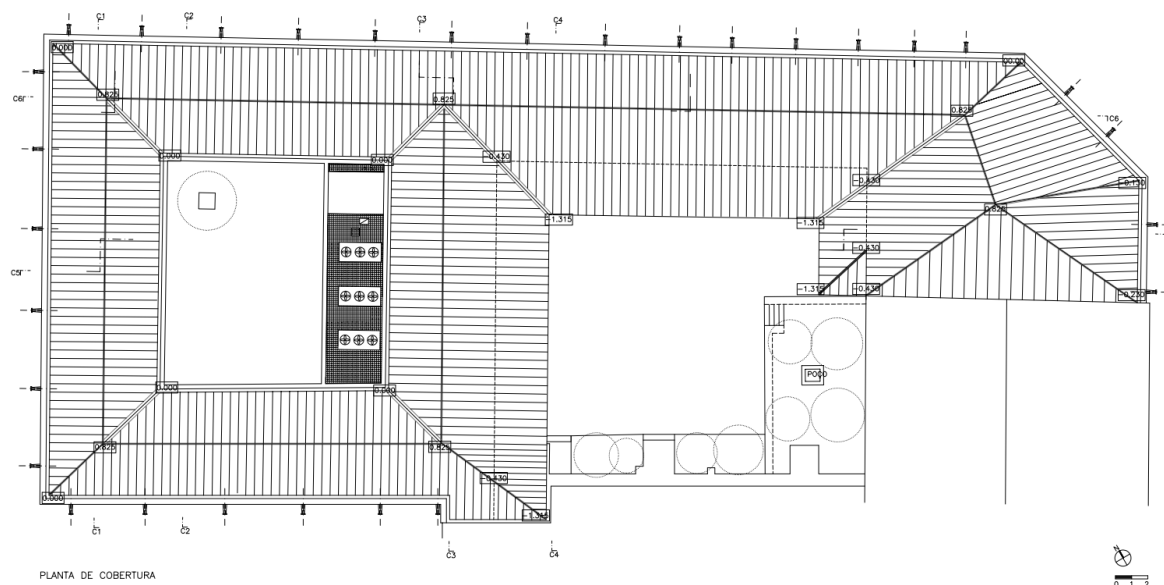


Figura 41 Planta de cobertura do Museu Nacional Grão Vasco.

Fonte: Arquiteto Eduardo Souto de Moura.



Figura 42 Corte / Alçado do Museu Nacional Grão Vasco.

Fonte: Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

Capítulo IV – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Capítulo IV – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Após a análise realizada no decorrer da dissertação, é apresentado o edifício da Universidade Lusófona do Porto, objecto de proposta de reabilitação, onde é necessário mencionar os dois pátios presentes no edifício como foco principal para a elaboração do presente trabalho.

O primeiro pátio está localizado no nível principal (piso zero) com ligação direta à rua, que desde a construção do edifício, encontra-se delimitado na sua totalidade. De acordo à pesquisa apresentada no subcapítulo 2.2, este pátio pode ser classificado como a típica casa – pátio, devido às suas características. O espaço servia de defesa e segurança aos usuários do exterior, principalmente desde a origem do edifício, quando este, era utilizado como refúgio para mulheres desamparadas. Para além disso, este espaço pode ser definido como um elemento organizador do espaço na construção.

Atualmente, o pátio não apresenta as mesmas características nem responde às necessidades funcionais para o qual foi criado no Séc. XIX, devido às diversas reabilitações e usos ocorridos no edifício. Nesse contexto, o atual espaço precisa de melhorias, para garantir uma melhor apropriação do espaço.

Como solução na proposta do projecto de reabilitação, o pátio é declarado não só como elemento organizador do espaço, mas também como um espaço de distribuição, com acesso de forma quase obrigatória para o interior do edifício. Por conseguinte, a cobertura existente será reavaliada, utilizando o Centro Português de Fotografia como referência, para deste modo, garantir o conforto necessário por parte dos utilizadores.

Relativamente ao segundo pátio, que se encontra no piso -2 da ULP, torna-se impossível classificá-lo de acordo à pesquisa apresentada no

subcapítulo 2.2, num tipo de pátio específico, devido às várias intervenções que sofreu ao longo dos anos.

Pretende-se, assim, através da demolição do atual refeitório, a fachada, e a zona de estar em vidro, presentes atualmente nesse pátio, criar um espaço de estar de grande dimensão, digno e de qualidade para um uso apropriado da ULP. Deste modo, a análise da reabilitação executada no claustro do Museu Nacional Grão Vasco irá responder e servir de referência para a nova proposta.

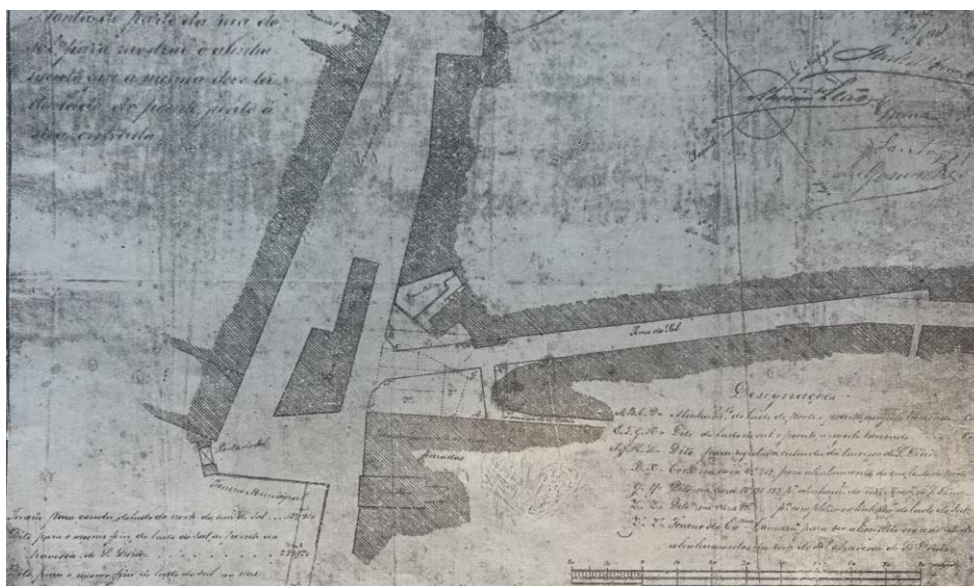


Figura 45 Recolhimento localizado defronte a Porta do Sol.

Fonte: Planta cedida pelo Gabinete de História da Cidade do Porto.

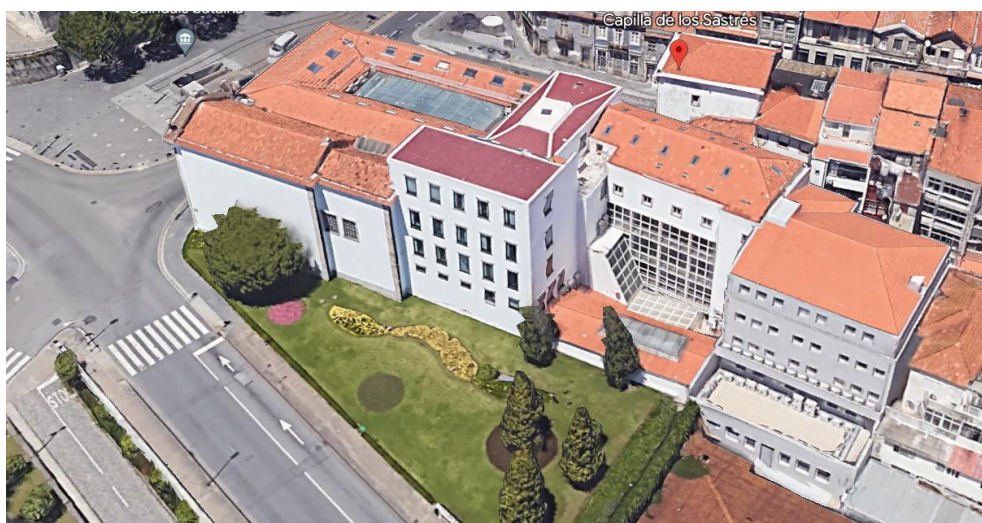


Figura 46 Vista aérea da ULP e o pátio do piso -2.

Fonte: Google Earth.

4.1 Contexto histórico

Em 1809, ocorre a entrada da segunda Invasão Francesa comandada pelo General Soult, o que desencadeia a fuga em massa da população pela Ponte das Barcas. Por conseguinte, resulta na grande tragédia do afundamento da ponte com mais de quatro mil pessoas.

Um ano após, como resposta à tragédia, D. Francisca de Paula da Conceição Grelho de Sousa, esposa do Corregedor e Chanceler da Relação e Casa do Porto, funda o Recolhimento da Porto do Sol, conhecido também como Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e de S. José das Meninas Desamparadas. Este recolhimento tem como objetivo acolher as crianças órfãs vítimas do desastre, onde, inicialmente foi estabelecido no Paço da Marquesa.



Figura 47 Capela do Postigo do Sol. Século XIX.

Fonte: Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. 14.

No ano de 1819, D. João VI emite uma declaração formal de proteção ao recolhimento, concedendo apoio oficial à referida instituição. Posteriormente, em 1821, estabelece-se por meio de um decreto que a administração do recolhimento seja atribuída a uma comissão nomeada pelo monarca, sendo presidida pelo bispo da diocese.

Em 1825, D. João VI doa a "Casa da Estopa" ao recolhimento como residência permanente, a qual é reconstruída e ampliada. Ao longo das décadas seguintes, são realizadas melhorias e ampliações no recolhimento. Os dormitórios são construídos em 1883 e a construção da capela é finalizada em 1851, após dezasseis anos de trabalho.

Mais tarde, em 1876, a Porta do Sol, uma porta da muralha localizada em frente à casa do recolhimento, é destruída.

Seguidamente, a 17 de abril de 1914, é apresentado um requerimento formal solicitando autorização para a ampliação do colégio, devido à limitação de espaço existente e à necessidade premente de proporcionar acolhimento a um maior número de meninas.



Figura 48 Porto - Governo Civil e Quartel-General.

Fonte: Arnaldo Soares.

4.2 Análise do edifício

O edifício da atual Universidade Lusófona do Porto corresponde a um conjunto de edifícios que apresentam uma planta retangular. O edifício principal abriga um pátio interno, onde também, predomina uma igreja adossada. A leste, dois edifícios foram adicionados, construídos posteriormente.

Os volumes dos edifícios estão dispostos de maneira horizontal e distinguem-se pelos diferentes tipos de coberturas. O edifício principal tem uma cobertura de quatro águas, enquanto a igreja, possui um telhado de duas águas. Por outro lado, os edifícios posteriores têm coberturas planas.

As fachadas do edifício são caracterizadas pela sua simplicidade, com um revestimento rebocado e pintado. São marcadas por um rodapé e uma cornija, e são emolduradas por pilastras nos ângulos. As aberturas, como portas e janelas, são emolduradas e apresentam elementos decorativos em pedra de granito aparente, desde a origem do edifício.

Quanto à fachada principal da igreja, destaca-se um portal com um arco reto, rematado por uma placa lisa e uma cornija. No nível superior, há uma sacada com um arco rebaixado e uma placa lisa como remate. À esquerda e à direita do portal principal, estão localizadas janelas coroadas por cornijas. A fachada é rematada por um frontão triangular, cujos vértices laterais são adornados por pináculos em forma de urna, enquanto o centro apresenta uma cruz latina sobre um pedestal.



Figura 49 Edifício do Recolhimento da Porta do Sol.

Fonte: Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Vol. 14.

4.3 Proposta de reabilitação

Através da execução do trabalho académico de arquitetura, mais concretamente para a unidade curricular de Projecto 5.1 e Projecto 5.2, foi realizada a proposta do projecto de reabilitação das instalações da Universidade Lusófona do Porto. Esta proposta tem o objetivo de melhorar as instalações que abrigam a ULP, fornecendo, assim, apoio à nova proposta de expansão projectada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura, que terá ligações com o antigo edifício.

O projecto é dividido em duas construções, uma vez que constituem edifícios com características arquitetónicas diferentes. Por um lado, o edifício do Antigo Recolhimento de Meninas Desamparadas e por outro, a edificação acrescentada a leste, considerada uma nova construção na proposta de reabilitação. Dita edificação foi alterada na totalidade na nova proposta de reabilitação, o que garante o acesso das duas edificações em todos os pisos.

No interior da antiga construção, foram reformuladas as circulações verticais como resposta à nova tipologia proposta, que, devido ao comprimento do edifício, foram projectadas duas escadas. Este novo

projecto, propõe, assim, no piso 0, os espaços mais públicos do edificado. A partir da entrada principal, é garantido o acesso direto através de um hall de distribuição aos espaços da portaria, zona administrativa, incluindo uma sala de reuniões e a sala polivalente, localizada na antiga Capela do Postigo do Sol. O hall de distribuição dá, ainda, acesso ao pátio coberto existente, garantindo a entrada à sala de exposições e ao interior do edifício, com diversos tipos de usos em cada um dos espaços.

No piso 1, é proposta uma zona privada para os professores com acesso direto à entrada principal da universidade, com gabinetes simples e duplos, sala de reuniões, além de um bar de apoio para os professores com acesso direto ao coro alto da Antiga Capela. No resto do edifício, ainda no piso 1, foram criadas quatro salas de aulas com um acesso diferente ao da zona dos professores, com circulação vertical através da passagem do pátio.

O piso 2 utiliza a mesma distribuição do piso inferior, mas garante aos alunos usufruírem da totalidade do piso. Projectaram-se, assim, quatro salas de aulas, uma grande zona de estudo e uma área apenas para a associação de estudantes.

Existem dois pisos inferiores ao piso 0, com menor área. No piso -1 são propostas apenas duas salas de aula com a mesma distribuição semelhantes às dos pisos 1 e 2. No piso -2, que tem acesso ao pátio descoberto, é proposto um centro fitness com balneários.

Na nova construção, foram projectados três auditórios de iguais dimensões, mas com diferentes inclinações. Foi mantido um acesso existente para este edifício desde a rua, no piso -1, garantido, desta maneira, um acesso direto aos auditórios sem a necessidade de passagem por outros espaços das instalações.

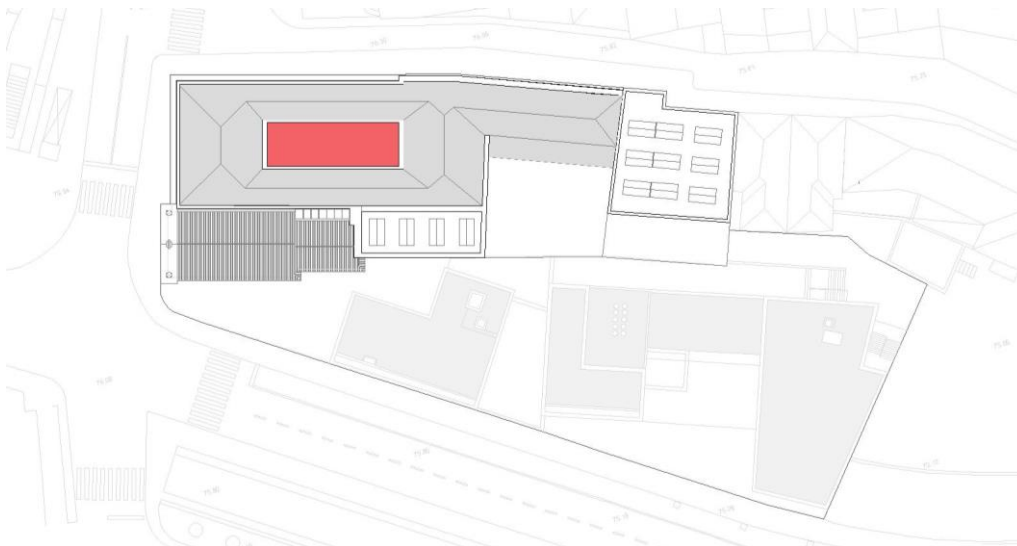


Figura 50 Planta de Implantação do projecto de reabilitação da ULP. Pátio principal.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

4.3.1 Pátio Principal

O primeiro pátio (apresentado a vermelho através da Figura 50), é um espaço completamente delimitado de cerca de cem metros quadrados, que sofreu alterações ao longo dos anos. No entanto, devido à falta de documentação sobre o projecto original do edifício, torna-se difícil decifrar como era este espaço no século XIX.

Ao visitar o pátio, são evidenciadas características arquitetónicas que claramente não pertencem ao período de construção do edifício, nomeadamente, a criação de duas salas de aula nos andares superiores, com aberturas horizontais típicas do século XX, visíveis através de Figura 51. Nestas são utilizadas um caixilho de aço com abertura de batente, que resultou, assim, na substituição dos caixilhos nos vãos das janelas e portas originais, apesar deste ainda manter molduras de pedra. Como consequência, a escala e as características do pátio foram alteradas, originando uma mistura de elementos.

Além disso, é pertinente mencionar a criação de uma cobertura de vidro, que revelou tubos de queda visíveis. Quanto ao pavimento, o mesmo foi mantido em pedra.



Figura 51 Pátio principal da ULP (2023).

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

Desta forma, na proposta do projecto de reabilitação, o espaço é reformulado, através da demolição das salas de aula, acrescentadas em reabilitações anteriores, com o objetivo de restaurar a escala do espaço original. No entanto, é necessário manter o espaço coberto, pois para a nova proposta, a utilização da passagem obrigatória para aceder ao edifício, será mantida.

Portanto, na proposta de reabilitação, a nova cobertura do pátio irá ser construída a onze metros do piso térreo, projectada em vidro estrutural, com dimensões de 1.5 metros x 1.5 metros, reforçado por uma estrutura de cabos de aço. Para projectar a nova cobertura, obteve-se como referência a cobertura do Centro Português de Fotografia. Desta forma, consegue-se resolver os problemas das intempéries, da iluminação natural tanto no pátio como no interior do edifício, e a otimização de vivências no espaço.

Em virtude da necessidade de respeitar a história do edifício, os elementos ainda existentes no pátio, seriam preservados. Com isso em mente, o pavimento em pedra será mantido. Da mesma forma, os vãos das portas e janelas foram cuidadosamente mantidos na proposta, com as molduras em pedra, que atualmente permanecem no edifício. No que diz respeito aos vãos das janelas que foram fechados anteriormente devido à criação das salas de aula, serão reabertos após a demolição das mesmas. Dessa forma, a proteção da história do edifício será assegurada.



Figura 52 Pátio principal da ULP (2023).

Fonte: Autoria Manuel Cordova.



Figura 53 Proposta para o pátio principal da ULP.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

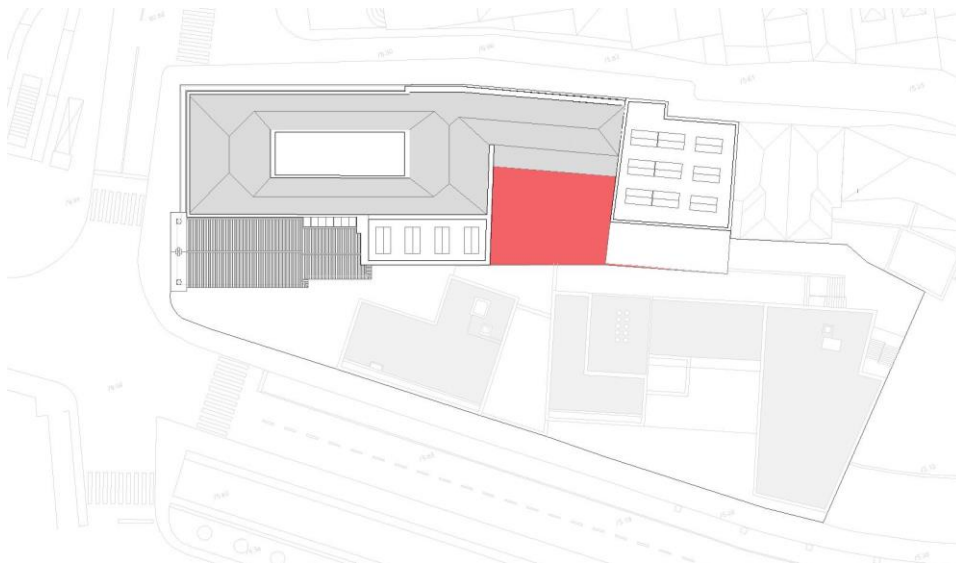


Figura 54 Planta de Implantação do projecto de reabilitação da ULP. Segundo pátio.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

4.3.2 Segundo pátio

O segundo pátio (apresentado em vermelho através da Figura 54) irá a ser ampliado, através da demolição do atual refeitório na nova proposta de reabilitação, garantindo uma área de duzentos e vinte metros quadrados.

À semelhança do pátio anterior, também não existe documentação referente ao projecto original deste pátio. Porém, é evidenciado ao visitar o edifício, que os alçados virados para o pátio sofreram alterações, particularmente, o atual alçado de estrutura metálica e vidro, que oculta no seu interior uma parede claramente exterior em pedra.

Esta solução pode ter sido executada para, assim, garantir o acesso às salas de aula, através de um espaço interior. Não obstante, esta alteração constitui a maior descaracterização deste espaço levada a cabo ao longo dos anos. Neste contexto, foram criadas lajes de betão suportadas por pilares e vigas do mesmo material, revestidas por lajeados de pedra e guarda metálica.

Assim, a nova proposta de reabilitação da ULP, respeitará a história do edifício original. Para o novo alçado, teve-se como referência o claustro do Museu Nacional Grão Vasco, após a última reabilitação executada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura no ano 2001. Foram criadas galerias em pedra, como possivelmente teriam existido no projecto original. Desta forma, a parede exterior referida anteriormente cumpriria com o seu propósito original, com molduras em pedra nos vãos. A guarda e pilares foram desenhados com base no MNGV, em pedra.

A cobertura da ULP foi redesenhada em estrutura de madeira e revestida em telha, com tubos de queda à vista. Porém, será rebaixada e modificada a inclinação da mesma, para a área técnica.

No piso -2, a nível térreo, a proposta de reabilitação pretende criar um espaço de qualidade, e para que os utilizadores possam usufruir de uma zona de recreio, vão ser demolidas as duas construções existentes, o atual refeitório e a zona de estar em vidro, visível através da Figura 56.



Figura 55 Alçado proposto para o segundo pátio no projecto de reabilitação.

Fonte: Manuel Cordova.

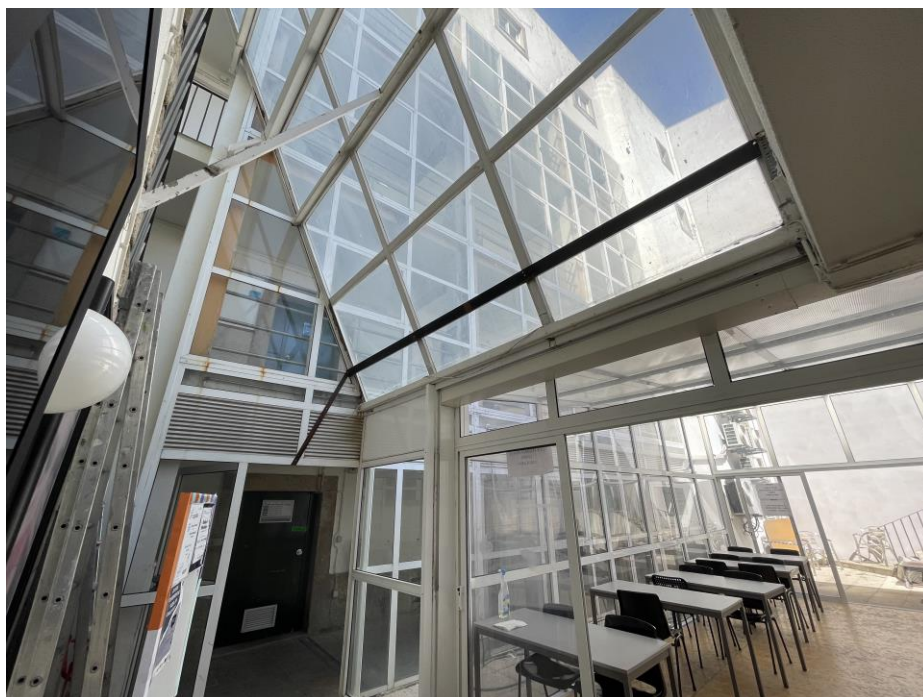


Figura 56 Atual alçado em vidro do segundo pátio (2023).

Fonte: Aatoria Manuel Cordova.



Figura 57 Atual alçado em vidro do segundo pátio (2023).

Fonte: Aatoria Manuel Cordova.

4.3.3 Projecto de reabilitação

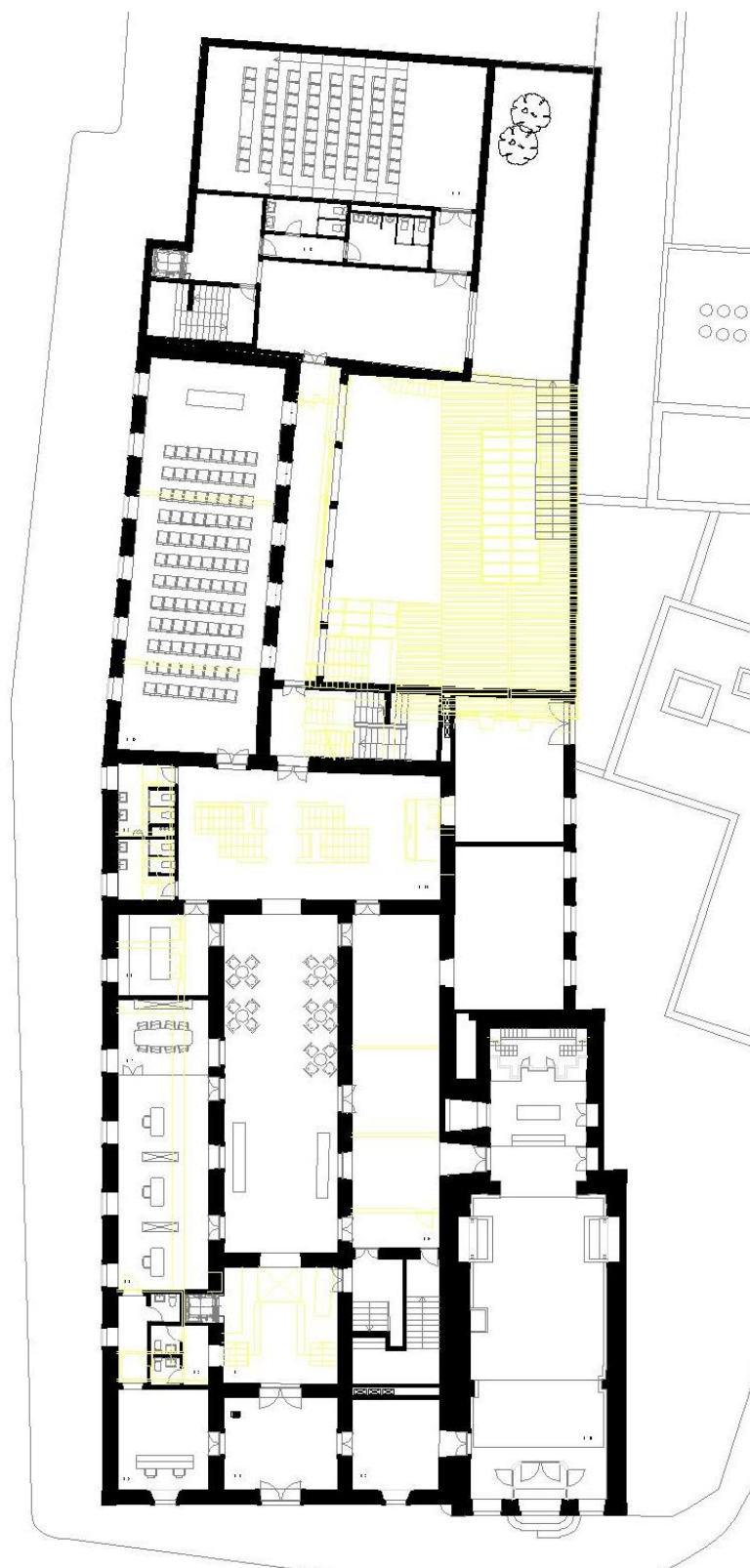


Figura 58 Planta piso 0. Projecto de reabilitação.

Fonte: Aatoria Manuel Cordova.

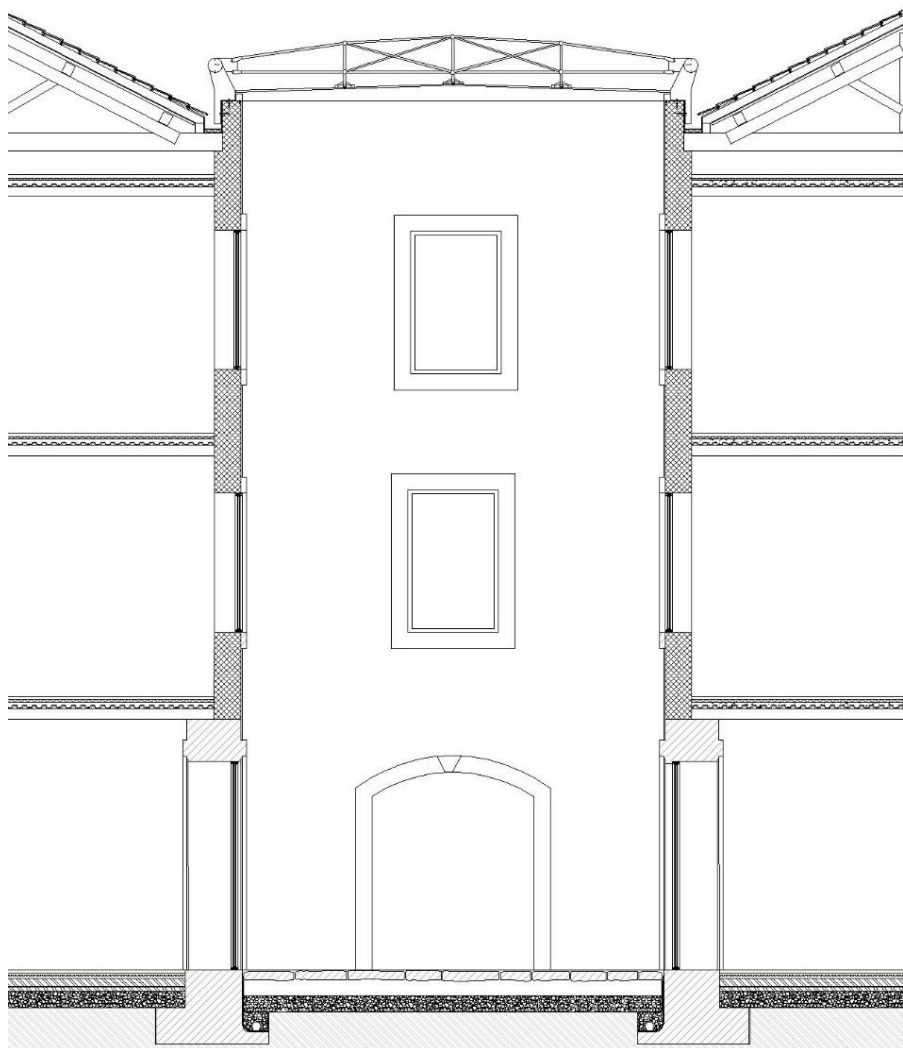


Figura 59 Nova cobertura proposta para o pátio principal.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.



Figura 60 Proposta de reabilitação do segundo pátio.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

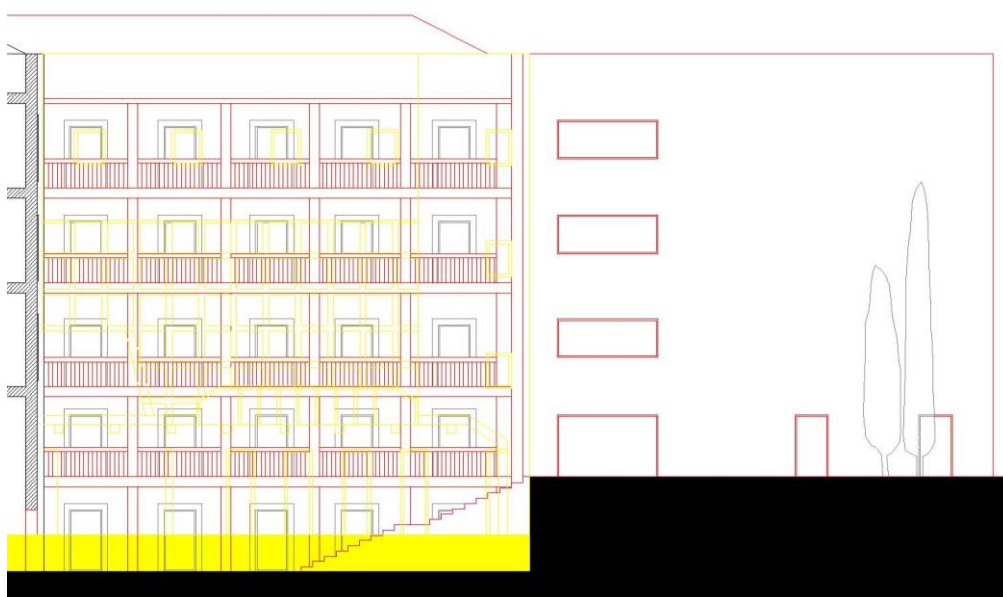


Figura 61 Proposta de reabilitação para o segundo pátio.

Fonte: Autoria Manuel Cordova.

Capítulo V – Considerações Finais

Capítulo V – Considerações Finais

Ao longo da dissertação, foi abordado o pátio, tornando-o no componente principal deste projecto. O segundo capítulo contribuiu, desta forma, na solidificação deste elemento arquitetónico enquanto tema, de modo a compreender o conceito do pátio e distinguir os diversos tipos existentes. Os exemplos apresentados nesse capítulo, surgiram dos critérios que melhor respondiam para a elaboração dos restantes capítulos, que desta maneira, correspondem à proposta de reabilitação da Universidade Lusófona do Porto.

Percebeu-se assim, que o pátio esteve sempre presente na arquitetura ao longo do tempo, e que esta característica dificilmente se alterará. No entanto, é importante realçar que o tipo de construção em que o pátio se insere, estabelece a presença deste espaço no edificado e a relação com o mesmo, pode ser um elemento organizador do espaço, ou apenas uma zona de lazer que dá apoio ao edifício.

Através das diversas características formais existentes na construção, foi possível analisar se, a forma, a superfície, e os elementos decorativos/cor, correspondem à estética que é pretendida no resto do edifício. De maneira equivalente, as características funcionais, relativamente, a acessibilidade, a área de estar, a iluminação, e a ventilação, foram analisadas. Assim, com a conjugação destas características são evidenciadas as alterações necessárias numa reabilitação, para garantir o conforto apropriado por parte dos usuários.

Na elaboração do terceiro capítulo, os casos de estudo surgiram da necessidade de devolver o respeito histórico que o edifício da ULP merece, por meio do projecto de reabilitação desenvolvido na unidade curricular de Projecto V do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade Lusófona do Porto. A fim de atingir esse objetivo, teve-se em consideração as duas reabilitações levadas a cabo pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura nos casos de estudo seleccionados.

Em primeiro lugar, a reabilitação executada no Centro Português de Fotografia, ajudou a perceber o pátio como elemento organizador do espaço, protegendo os usuários das intempéries através da cobertura apresentada no subcapítulo 3.1.4. Nesse sentido, esta cobertura serviu de referência para o projecto de reabilitação, uma vez que se pretendia manter o espaço coberto. Desta forma, constata-se que é possível realizar alterações num espaço sem deteriorar o existente.

Em segundo lugar, a reabilitação executada no Museu Nacional Grão Vasco, com foco no claustro, mostra que é possível realizar demolições de elementos que não correspondem às características originais do edifício e geram uma discordância de elementos arquitetónicos. Com efeito, o arquiteto Eduardo Souto de Moura demonstra que é possível resolver essas questões de maneira adequada, para assim, preservar o carácter emblemático da construção.

O projecto de reabilitação da Universidade Lusófona do Porto, é o culminar dos conhecimentos obtidos e das considerações observadas nos casos de estudo seleccionados, sendo indiscutível a forma como o pátio pode ser reinventado, porém, é, também, visível como estas reinvenções nem sempre correspondem à maneira mais adequada da sua requalificação, evidenciado no caso do edifício da ULP.

Por conseguinte, o projecto de reabilitação procura restituir o carácter arquitetónico que o edifício merece, principalmente nos pátios. Segue-se a mesma abordagem que o arquiteto ESM aplicou nos dois casos de estudo apresentados no terceiro capítulo, que em efeito, constituem as mesmas soluções sobre um propósito comum, um espaço harmónico no carácter estético, para assim, garantir o conforto necessário relativamente a cada pátio da construção.

Ao retificar alguns elementos nos pátios existentes na ULP, pode-se aprimorar a imagem do espaço, devolvendo um aspeto adequado e em consequência, proporcionar um melhor conforto aos usuários. Em ambos

pátios, recorreu-se à aplicação, demolição, e recuperação de diversos elementos, apresentados no capítulo IV. Também, foram abordadas as preocupações quanto à reabilitação do resto do edificado no decorrer da disciplina de Projecto V, que foram alvo de discussão e análise nesta dissertação.

Referências bibliográficas

- Ábalos, I. (2000). *La buena vida: visita guiada a las casas de la modernidad*. Barcelona: Gustavo Gilli.
- Alves, J. F. (1985). *A cadeia e Tribunal da Relação do Porto*. Porto: Instituto Português do Património Cultural.
- Alves, L. (06 de 09 de 2005). O que é o pátio interno? *Arquitextos*, p. 6.
- Arís, C. (2008). *Pabellon y patio, elementos de la arquitectura moderna*. Barcelona.
- Bahamón, A. (2009). *Casas patio: casas por tipología*. Barcelona: Parramón Arquitectura y Diseño.
- Cabeças, M. d. (s.d.). *Porto monumental e artístico*. Porto: Porto editora.
- Cachola, L. (2015). *Alentejo e casa pátio em Aires Mateus*. Portugal: Universidade Lusíada.
- Campos, N. (2019). *Guia de Arquitectura. Espaços e Edifícios Reabilitados*. Porto: Traço Alternativo - Arquitectos Aassociados.
- Capitel, A. (2005). *La arquitectura del patio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gill, SA.
- Correia, A. (2000). *MONUMENTOS N13: Museu de Grão Vasco*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- Costa, S. (2018). *O conceito de casa - pátio. Essência, carácter e forma*. Minho: Universidade do Minho .
- Delgado, A. (2013). *Estudo do Pátio na Habitação Unifamiliar: quatro casas de Álvaro Siza Vieira*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Dias, F. (2012). *Pátios: espaços de introversão e captura da paisagem*. Belo Horizonte: Universidade Federal do Espírito Santo.

- Gomes, S. (2017). *O espaço pátio no edifício escolar. Evolução e reinvenção*. Porto: FAUP.
- Maza, R. d. (2018). *Eduardo Souto de Moura. Tomo II*. España: TC Cuadernos.
- Oliveira, M. (2015). *Do Covento de Santo Antonio da Cidade à atual Biblioteca Municipal do Porto. Projectos de intervenção de Eduardo Souto de Moura*. Porto: FAUP.
- Porto, C. M. (1951). *Boletim Cultural - Porto - Vol.14*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Santos, M. J. (1993). *O Palácio da Relação e Cadeia do Porto*. Porto: Edições ASA.
- Silva, A. G. (2018). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Porto: FAUP.

Siglas e Acrónimos

ULP – Universidade Lusófona do Porto.

CPF – Centro Português de Fotografia.

MNGV – Museu Nacional Grão Vasco.

ESM – Eduardo Souto de Moura.

Índice de figuras

Figura 1 Duas casas pátio na cidade de Delos, Grécia. Fonte: La arquitectura del patio. Antón Capitel.	27 -
Figura 2 Claustro da Catedral de Santa Maria de Coimbra.	29 -
Figura 3 Planta da Catedral de Santa Maria de Coimbra.	29 -
Figura 4 Claustro da Biblioteca Municipal do Porto.	30 -
Figura 5 Planta da Biblioteca Municipal do Porto	30 -
Figura 6 Pátio coletivo do Hospital Santo António, Porto.	31 -
Figura 7 Planta do projecto original do Hospital Santo António, Porto.	32 -
Figura 8 Planta casa Am Horn, Weimar 1923-26.	33 -
Figura 9 Pátio elevado na Villa Savoye.	34 -
Figura 10 Planta Villa Savoye, Paris. Le Corbusier.	35 -
Figura 11 Pátio elevado na Villa Savoye desde o interior.	35 -
Figura 12 Planta casa com três pátios, Mies Van der Rohe.	37 -
Figura 13 Reconstrução Casa com três pátios.	37 -
Figura 14 Reconstrução Casa com três pátios.	37 -
Figura 15 Pátio central da Câmara Municipal de Säynätsalo.	38 -
Figura 16 Planta da Câmara Municipal de Säynätsalo, Alvar Aalto.	39 -
Figura 17 Escadas orgânicas da Câmara Municipal de Säynätsalo.	39 -
Figura 18 Corte do Museu Louvre, Paris.	40 -
Figura 19 Pátio Puget, Museu Louvre.	41 -
Figura 20 Detalhe da cobertura no pátio Puget.	41 -
<i>Figura 21 Cadeia Civil do Porto, 1961.</i>	<i>46 -</i>
Figura 22 Pátio principal antes da demolição das escadas em 1991, presença do tanque desativado e a capela dos presos.	48 -
Figura 23 Cobertura do Centro Português de Fotografia.	50 -
Figura 24 Detalhe estrutural da cobertura.	51 -
Figura 25 Detalhe estrutural da cobertura.	51 -
Figura 26 Pátio sem cobertura.	52 -
Figura 27 Pátio com cobertura em vidro e aço.	52 -
Figura 28 Cadeia e Tribunal da Relação do Porto. Planta do 1º pavimento.	53 -
Figura 29 Cadeia e Tribunal da Relação do Porto. Planta da cobertura.	53 -
Figura 30 Centro Português de Fotografia. Planta do piso 1.	54 -

Figura 31 Centro Português de Fotografia. Planta da cobertura.	54 -
Figura 32 Corte e planta do pátio dos presos.	55 -
Figura 33 Pátio principal na atualidade (2023).	55 -
Figura 34 Vista aérea do Museu Nacional Grão Vasco junto à Sé.....	57 -
Figura 35 Obras no “Claustro” do Museu Nacional Grão Vasco, 1951.	59 -
Figura 36 Demolição da cobertura do Museu Nacional Grão Vasco.....	60 -
Figura 37 “Claustro” no Museu Nacional Grão Vasco antes da reabilitação.	61 -
Figura 38 "Claustro" do Museu Nacional Grão Vasco (2023).....	61 -
Figura 39 Planta Paço dos Bispos de Viseu.	62 -
Figura 40 Corte longitudinal do Paço dos Bispos de Viseu.....	62 -
<i>Figura 41 Planta de cobertura do Museu Nacional Grão Vasco.</i>	<i>63 -</i>
<i>Figura 42 Corte / Alçado do Museu Nacional Grão Vasco.</i>	<i>63 -</i>
Figura 43 Alçado vermelhos / amarelos no claustro do Museu Nacional Grão Vasco.	64 -
Figura 44 Alçado vermelhos / amarelos no claustro do Museu Nacional Grão Vasco.	64 -
Figura 45 Recolhimento localizado defronte a Porta do Sol.	69 -
Figura 46 Vista aérea da ULP e o pátio do piso -2.	69 -
<i>Figura 47 Capela do Postigo do Sol. Século XIX.</i>	<i>70 -</i>
<i>Figura 48 Porto - Governo Civil e Quartel-General.</i>	<i>71 -</i>
<i>Figura 49 Edifício do Recolhimento da Porta do Sol.</i>	<i>73 -</i>
Figura 50 Planta de Implantação do projecto de reabilitação da ULP. Pátio principal.	75 -
Figura 51 Pátio principal da ULP (2023).	76 -
Figura 52 Pátio principal da ULP (2023).	78 -
Figura 53 Proposta para o pátio principal da ULP.	78 -
Figura 54 Planta de Implantação do projecto de reabilitação da ULP. Segundo pátio.....	79 -
Figura 55 Alçado proposto para o segundo pátio no projecto de reabilitação.....	81 -
Figura 56 Atual alçado em vidro do segundo pátio (2023).	82 -
Figura 57 Atual alçado em vidro do segundo pátio (2023).	82 -
Figura 58 Planta piso 0. Projecto de reabilitação.....	83 -
Figura 59 Nova cobertura proposta para o pátio principal.	84 -
Figura 60 Proposta de reabilitação do segundo pátio.	85 -
Figura 61 Proposta de reabilitação para o segundo pátio.	85 -
	- 97 -

